

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**NINA MÜLLER CARIOBA BEHR**

***DESLOCAMENTO CRIATIVO: REPRESENTAÇÕES SOBRE MIGRANTES DE  
CRISE E SEUS AGENCIAMENTOS EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19***

**CAMPINAS**

**2020**

**i**

**NINA MÜLLER CARIOBA BEHR**

***DESLOCAMENTO CRIATIVO: REPRESENTAÇÕES SOBRE MIGRANTES DE  
CRISE E SEUS AGENCIAMENTOS EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19***

Monografia apresentada no Instituto de Estudos da  
Linguagem, na Universidade Estadual de Campinas,  
como requisito parcial para a obtenção da Habilitação  
de Licenciatura em Letras - Português como Língua  
Estrangeira/Segunda Língua

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cecília Cossi Bizon

**CAMPINAS**

**2020**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

B395d Behr, Nina Müller Carioba, 1993-  
Deslocamento criativo : representações sobre migrantes de crise e seus  
agenciamentos em tempos de pandemia de COVID-19 / Nina Müller Carioba  
Behr. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Ana Cecília Cossi Bizon.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Representação. 2. Migração de crise. 3. Territorialidade. 4. Acolhimento. I.  
Bizon, Ana Cecília Cossi, 1966-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto  
de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações adicionais, complementares

**Palavras-chave em inglês:**

Representation  
Crisis migration  
Territoriality  
Embracement

**Titulação:** Licenciada

**Data de entrega do trabalho definitivo:** 18-12-2020

## **AGRADECIMENTOS**

À Profa. Ana Cecília, por ter me acompanhado nesse enriquecedor processo, ajudando-me a legitimar meus dizeres e organizar minhas ideias, para que pudessem estar no papel e, quem sabe, dele sair.

À Profa. Cláudia, pelas leituras e conversas ao longo da segunda habilitação, por ser tão solícita e compreensiva.

Aos meus colegas do grupo de habilitação em PLE/PL2, com os quais pude fazer trocas valiosas.

Aos meus pais e ao meu irmão, por se fazerem próximos e presentes, ainda que tão distantes.

Ao meu grupo de amigos de Barão, que tornam todos os processos mais fáceis e contribuem com apoio e interesse, sempre que necessário, ou quando assim o julgam. Dentre eles, ao Caíque, meu companheiro de vida e de várias paixões compartilhadas.

A todos os meus amigos de antes e depois da Unicamp, que se fizeram presentes ao longo do tempo de escrita, com encorajamentos constantes.

## EPÍGRAFE

*[...] teremos de fazer algo totalmente extraordinário, precisaremos ir às últimas conseqüências. Não podemos continuar a fazer o mesmo. [...] Teremos que ter disposição para nos erguer e dizer 'não' unindo nossas almas, articulando nossas mentes coletivas e nossos corpos, que são muitos.*

Angela Davis, *A Liberdade é uma Luta Constante*, 2018, p.131.

## RESUMO

Filiada à Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), esta pesquisa, de base qualitativo-interpretativista (MASON, 2002; FLICK, 2009), focaliza publicações, em portais de notícias e em uma página de Facebook, relacionadas a ações promovidas por migrantes de crise (BAENINGER; PERES, 2017; BIZON; CAMARGO, 2018) na atual pandemia de COVID-19. Objetiva-se analisar representações de agenciamento, protagonismo social e solidariedade relativas a esses migrantes, especialmente as que envolvem mobilizações e ações do *Deslocamento Criativo* - um coletivo que visa mapear e trazer visibilidade a iniciativas no âmbito da Economia Criativa de/para indivíduos em situação de refúgio. O corpus é composto por três notícias retiradas dos portais digitais da Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e do jornal Folha Dirigida, e quatro *posts* de Facebook publicados na página do *Deslocamento Criativo*. O aparato teórico mobilizado na análise dos dados entrelaça os conceitos de identidade e representação (SILVA, 2000; CUCHE, 2002; HALL, 2006), territorialidade (HAESBAERT; LIMONAD, 2007; HAESBARET, 2007; BIZON, 2013; BIZON; CAVALCANTI, 2015) e acolhimento (ANUNCIAÇÃO, 2018; BIZON; CAMARGO, 2018; BIZON, 2020). Com este trabalho, que focaliza as relações identitárias e de poder que tecem representações sobre migrantes de crise, busca-se lançar luz sobre a importância de políticas de inserção e acolhimento que tenham o migrante como agente efetivo de seus processos de territorialização.

**Palavras-chave:** Representação; Migração de Crise; Territorialidade; Acolhimento.

## ABSTRACT

Affiliated to Indisciplinary Applied Linguistics (MOITA LOPES, 2006), this research, with a qualitative-interpretative basis (MASON, 2002; FLICK, 2009), focuses on publications, made on news portals and on a Facebook page, related to actions promoted by crisis migrants (BAENINGER; PERES, 2017; BIZON; CAMARGO, 2018) in the current COVID-19 pandemic. The objective is to analyze representations of agency, social protagonism and solidarity related to these migrants, especially those involving mobilizations and actions of *Deslocamento Criativo* - a collective that aims to map and bring visibility to initiatives in the field of Creative Economy made by refugees. The corpus consists in three news taken from the digital portals of UNHCR, UNFPA and the newspaper Folha Dirigida, and four Facebook posts published on the page of *Deslocamento Criativo*. The theoretical apparatus mobilized in the analysis of the data relates the concepts of identity and representation (SILVA, 2000; CUCHE, 2002; HALL, 2006), territoriality (HAESBAERT; LIMONAD, 2007; HAESBARET, 2007; BIZON, 2013; BIZON; CAVALCANTI, 2015) and welcoming (ANUNCIAÇÃO, 2018; BIZON; CAMARGO, 2018; BIZON, 2020). With this study, which focuses on the identity and power relations that produce representations about crisis migrants, we seek to emphasize the importance of insertion and welcoming policies that have migrants as an effective agent of their territorialization processes.

**Keywords:** Representation; Crisis Migration; Territoriality; Welcoming.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Print do Início da Notícia do ACNUR.....	15
Figura 2: Print do Início da Notícia do UNFPA.....	18
Figura 3: Print do Início da Notícia do Folha Dirigida.....	22
Figura 4: Print do Início da Notícia do Folha se S. Paulo.....	25

## SUMÁRIO

### **Preâmbulo: Como Cheguei ao Contexto Pesquisado**

<b>Introdução</b> .....	1
<b>Capítulo 1: Contextualização Teórica</b> .....	3
1.1. Principais Conceitos Mobilizados.....	3
1.2. A Contraditória Cordialidade Brasileira: Retomada Histórica.....	9
<b>Capítulo 2: Uma Abordagem Metodológica Qualitativa</b> .....	12
<b>Capítulo 3: Análise dos Dados: Algumas Representações Identitárias dos Migrantes de Crise</b> .....	15
3.1. Notícia Publicada no Portal do ACNUR (abril/2020).....	15
3.2. Notícia Publicada no Portal do UNFPA (abril/2020).....	18
3.3. Notícia Publicada no Portal do Folha Dirigida (maio/2020).....	21
3.4. <i>Posts</i> Publicados na Página de Facebook do Deslocamento Criativo (abril-maio/2020).....	24
3.4.1. <i>Post</i> 1 (abril/2020).....	24
3.4.2. <i>Post</i> 2 (abril/2020).....	25
3.4.3. <i>Post</i> 3 (abril/2020).....	26
3.4.4. <i>Post</i> 4 (maio/2020).....	27
<b>Palavras (In)conclusivas</b> .....	29
<b>Referências</b> .....	31
<b>Anexos</b> .....	34

## **PREÂMBULO: COMO CHEGUEI AO CONTEXTO PESQUISADO**

Uma pesquisa se constrói, necessariamente, a partir de um diálogo: há quem precisa dizer, há um *outro* a quem algo precisa ser dito. Assim, ainda que siga um formato institucionalizado e deva ser embasada e criteriosa, toda pesquisa é, intrinsecamente, pessoal. O que (não) é escrito? Como é escrito? Por que é escrito? Todas essas questões fazem parte de escolhas a serem feitas pelo pesquisador. Desse modo, penso que não há outra forma de iniciar esta monografia, a não ser justificando a razão de ter sido escrita.

Na monografia que desenvolvi para concluir o curso de Letras<sup>1</sup>, o estudo focalizou um documentário que contém testemunhos relativos ao Holocausto<sup>2</sup> (alguns narrados por vítimas, outros por testemunhas e outro, ainda, por um ex-soldado do SS - Schutzstaffel). Meu foco foram as vozes de vítimas que puderam testemunhar - testemunho impossível na lógica do sistema que lhes foi imposto. Busquei, dessa maneira, a partir da perspectiva discursivo-desconstrutivista alinhada à psicanálise de Lacan e Freud, (i) investigar de que forma a catástrofe histórica moldou esses discursos e (ii) discutir as poderosas alterações nos sistemas de poder proporcionadas pelo fato de serem eles pronunciados.

Nas leituras iniciais das disciplinas da Habilitação em Português como Língua Estrangeira/Segunda Língua, deparei-me com o contexto do refúgio e vi ressurgir, diante de mim, essa potência transformadora, no sentido de que as lutas por pertencimento e agentividade, que partem dos próprios migrantes e/ou de coletivos, organizações e instituições a eles vinculadas, evidenciam a possibilidade de resistência diante das relações de poder impostas, além da fluidez dos sistemas de representação, ainda que sejam, muitas vezes, encarados como caixas herméticas. Assim, meu foco continua sendo grupos minoritarizados que, diante de padrões normativos impostos e de uma hierarquia social vigente homogeneizante, são muitas vezes “destituídos de sua humanidade” (ANUNCIACÃO, 2018, p.40) e reduzidos a categorias generalizantes, ao lugar da *diferença* (SILVA, 2000); são tornados, assim, *estrangeiros* e, com esse rótulo, estão expostos à exclusão, passividade, preconceito. Julgo não haver maiores *estrangeiros* do que aqueles que se lembram e são lembrados disso a todo o momento.

Dessa maneira, em tempos sombrios, de pandemia e caos político (SANTOS, 2020; MARTINS, 2020) que recai sobre diferentes países com governos de ultra-direita, inclusive o Brasil, nada se faz tão necessário quanto a garantia de que as lutas não sejam em vão. Quando

---

<sup>1</sup>BEHR, N. Narrativas do Holocausto, (Des)construção de Identidades a partir do Trauma. Monografia (Graduação em Letras) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2017.

<sup>2</sup> Shoah (1985), dirigido por Claude Lanzmann.

uma voz é tomada pelos silenciados, quando um agenciamento é possível aos que sempre tiveram de aceitar passivamente inúmeras imposições, então as relações de poder parecem mais fluidas e mutáveis: é necessário, mais do que nunca, que não se conforme, que não se abstenha, que não se emudeça.

Escrevo, portanto, porque desejo que o ressoar dessas vozes seja cada vez mais alto, mais potente, de modo a tornar os velhos discursos mais inviáveis a cada dia. Uma pretensão, é possível, mas talvez sejam justamente as pequenas pretensões que, a longo prazo, chegam a promover alterações substanciais em nosso tecido social.

## INTRODUÇÃO

O termo *migrante de crise*, cunhado por Simon (1995)<sup>3</sup> e retomado posteriormente por Clochard (2007)<sup>4</sup>, é utilizado de maneira ampliada por Baeninger e Peres (2015) para designar migrantes reconhecidos juridicamente como refugiados, migrantes solicitantes de refúgio e migrantes com status de refúgio humanitário – esta última, condição criada pelo Brasil, especialmente para deslocados haitianos, após o terremoto de 2010 no Haiti. Esses migrantes têm sido vítimas frequentes, em diferentes países, de manifestações xenofóbicas e racistas, que, no Brasil, estão, muitas vezes, ocultas pelo véu da “cordialidade brasileira”:

Acostumados a conviver com a representação historicamente construída de um Brasil multirracial e acolhedor, não nos damos conta de que, sustentada no consenso social do excepcionalismo nacional (APPADURAI, 2009) – ou seja, na ideia de que somos excepcionalmente abertos ao diferente, às misturas, ao estrangeiro –, essa representação ajuda a negar as dificuldades em relação ao diferente, não raras vezes materializadas em racializações e xenofobia, mantendo-as, assim, ainda mais presentes (BIZON; CAMARGO, 2018, p.713).

Conforme apontam alguns autores (ANUNCIACÃO, 2017, 2018; CAMARGO, 2018; LOPEZ; DINIZ, 2019;), não raramente se costuma posicionar esses indivíduos - seja em conversas corriqueiras, em publicações em mídias impressas ou digitais, e até em publicações acadêmicas - como aqueles que precisam de ajuda e a quem se dá algo em um ato de caridade. Desse modo, parece-me não apenas necessário, mas também urgente, analisar, em diferentes mídias, representações de migrantes que se desviam desses papéis comumente a ele atribuídos, por denotarem agentividade e pertencimento por meio de iniciativas de solidariedade diante da crise gerada pela COVID-19. Evito, no entanto, reproduzir o perigoso discurso de que possíveis alterações no sistema de representação são absolutas. Pelo contrário, neste trabalho, a necessidade de destacá-las aparece também associada ao terreno relativamente instável que ocupam, e ao fato de que essas representações são uma forma de resistência aos mecanismos de poder já impostos, os quais não deixam de ser, sem a menor dúvida, extremamente potentes.

Faz-se necessário enfatizar também, conforme discutido em Bizon e Camargo (2018), Camargo (2019) e Bizon (2020), que a precariedade de políticas oficiais de recepção a migrantes de crise torna as ações das horizontalidades (SANTOS, 2001) ainda mais relevantes. Segundo Milton Santos (2001), as horizontalidades, representadas pelas “vivências, pelo entorno, ou seja, pelas pessoas em suas agências cotidianas” (BIZON; CAMARGO, 2018, p. 716), obedecem a interesses locais, enquanto, nas verticalidades situam-se empresas e

---

<sup>3</sup> SIMON, G. *Géodynamique des Migrations Internationales dans le Monde*. Paris: PUF, 1995.

<sup>4</sup> CLOCHARD, O. Les Réfugiés dans le Monde entre Protection et Illégalité. *EchoGéo*, v. 2, 2007.

instituições oficiais, de modo que prevalecem os interesses hegemônicos. Dessa maneira, a mobilização de ONGs, instituições religiosas e coletivos, no sentido de promover inserção e visibilização social de sujeitos migrantes, é central para reforçar as insuficientes atuações gerenciadas pelo eixo vertical.

Nesse contexto, a pesquisa focaliza publicações de quatro mídias digitais, sendo três delas portais de notícias e a quarta uma página de Facebook<sup>5</sup>. Essas publicações referem-se a ações empreendidas em São Paulo, cidade na qual se encontra o *Deslocamento Criativo*<sup>6</sup>: coletivo pertencente ao eixo horizontal anteriormente citado, e que assume papel central em minha análise. Conforme justifica o próprio site do projeto, “a escolha da capital paulista para realizar o projeto não foi por acaso: São Paulo é hoje o segundo principal destino dos refugiados que chegam ao Brasil”. Desse modo, o papel de destaque que a cidade ocupa como um dos principais destinos migratórios (BAENINGER; PERES, 2015; BIZON; CAMARGO, 2018) é igualmente relevante para a escolha de direcionar a análise às ações desse coletivo.

Assim, o principal objetivo desta pesquisa é focalizar e discutir, por meio de discursos presentes em diferentes mídias, representações referentes a migrantes que atuam no coletivo *Deslocamento Criativo*<sup>7</sup>, o qual mapeia as iniciativas de refugiados no mercado criativo e colabora com outras instituições e organizações para a mobilização de políticas públicas voltadas ao contexto das migrações de crise. Além de se enquadrar no âmbito das horizontalidades, conforme explicitado anteriormente, o coletivo é de grande relevância nesta pesquisa, por prever a colaboração ativa dos próprios migrantes na efetivação dos projetos que propõe.

A seguinte questão norteia este estudo:

*Que representações relativas aos migrantes de crise emergem de ações do coletivo Deslocamento Criativo, em algumas mídias, especialmente em situação de pandemia?*

Para buscar respondê-la, além desta introdução e das considerações finais, organizo esta monografia em 3 partes. O capítulo 1 é dedicado à contextualização teórica, o capítulo 2 refere-se à abordagem metodológica e o capítulo final volta-se à análise dos dados, que está dividida, por sua vez, em subcapítulos com as publicações de cada uma das mídias selecionadas.

---

<sup>5</sup> Essas fontes serão abordadas de modo detalhado no segundo capítulo; por isso, refiro-me a elas de modo breve nesse primeiro momento.

<sup>6</sup> Deslocamento Criativo. Disponível em: <http://www.deslocamentocriativo.com.br/>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

<sup>7</sup> O coletivo será descrito de maneira mais detalhada no capítulo de abordagem metodológica.

# 1. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

## 1.1 Principais conceitos mobilizados

Nesta seção, discuto os principais conceitos teóricos que embasam esta pesquisa. De início, vale tratar do conceito de *representação*, intimamente relacionado ao de *identidade(s)*, noções estas que determinam de que lugar falo, especialmente ao tratar de representações sobre migrantes de crise.

O sujeito a quem se convencionou nomear pós-moderno surge, precisamente, da fragilidade que acompanha a noção de identidade una, fixa, estável. Hall (2006) indica tais características como estruturantes do que denomina *sujeito do iluminismo*, centrado e racional. O sujeito *pós-moderno*, de maneira oposta, teria uma identidade fragmentada e múltipla, marcada pela fluidez e até - talvez principalmente - pela contradição.

A identidade, na concepção pós-moderna, deixa, então, de ser associada à essência ou mesmo à característica inerente ao indivíduo (CUCHE, 2002, p. 179), passando a ser definida por meio de sistemas de representação. Em relação ao conceito de representação, também ele sofre alterações quando abandona seu sentido clássico, o de busca pelo real e sua presença, e passa a ser visto em uma concepção pós-moderna como “qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema lingüístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder.” (SILVA, 2000, p.91). Assim, a identidade pode ser compreendida apenas por meio de sistemas de representação, que lhes atribuem sentido:

A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer: "essa é a identidade", "a identidade é isso" (SILVA, 2000, p. 91).

Conforme ressalta Silva, a *diferença* é também elemento intrínseco a esses sistemas de representação, em uma relação fundamental com a identidade, já que uma depende da outra para significar. Nesse sentido, quando um indivíduo ou grupo assume para si, ou em si reconhece, determinada identidade, ou seja, o que “é”, automaticamente também define todos aqueles que “não são”.

Isso pode sugerir haver completa autonomia por parte dos sujeitos e grupos para nomear a si e aos outros, ou seja, para gerir os sistemas de representação. No entanto, essa suposta escolha não pode ser vista como consciente e individual, conforme pontua Cuche (2002, p. 181):

Se a identidade é uma construção social e não um dado, se ela é do âmbito da representação, isto não significa que ela seja uma ilusão que dependeria da

subjetividade dos agentes sociais. A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais.

Como se vê, Cuche aponta a conexão entre representações e relações de poder. Sendo hierarquicamente representadas nos diferentes espaços sociais, as identidades de grupos de maior prestígio social, frequentemente, são narradas e impostas como uma identidade hegemônica. Esses grupos passam a representar, assim, o “nós”, enquanto grupos minoritarizados ocupam o papel de “diferentes”, de “eles”. Essa fronteira estabelecida entre “nós” e “eles” - papéis que se colocam, conforme afirmado, dentro de uma hierarquia – é também uma forma de “normalizar” os grupos hegemônicos (SILVA, 2000, p. 82-83). Nesse contexto, a fronteira simbólica assume também a forma de fronteira material, e o “eles” torna-se posição continuamente ocupada pelos migrantes<sup>8</sup>, reiteradamente “externos”, “estranhos”, “estrangeiros”.

Ao tocar nesse aspecto, faz-se necessário, abordar o conceito de *identidade nacional*, conforme definido por Hall (2006). As identidades nacionais, representadas culturalmente, sofreram forte deslocamento a partir do fortalecimento da globalização, que interconectou indivíduos – em que pese o poder igualmente excludente dessa globalização –, impulsionando a resignificação das noções de tempo e espaço. A suposta “pureza” que constituiria a identidade nacional passou, então, a estar ameaçada pela presença de “outras identidades”. Ainda conforme o autor, os impactos da globalização sobre as identidades nacionais, antes tidas como unas, geram movimentos contraditórios. Em primeiro lugar, há uma tendência à resistência, acompanhada de tentativa de fixação e, conseqüentemente, de “repulsa” ao estrangeiro. Enquanto isso, grupos minoritarizados já não vislumbram a possibilidade de um apego à tradição una, a uma suposta origem, fenômeno explicado por Hall a partir do conceito de *tradução*:

Esse conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. [...] As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural ‘perdida’ ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente *traduzidas*<sup>9</sup> (HALL, 2006, p. 88-89).

---

<sup>8</sup> É evidente que vários outros grupos também se “enquadram” nessa categoria. O direcionamento feito é necessário devido ao foco deste trabalho.

<sup>9</sup> Grifos do autor.

Por outro lado, por meio de um segundo movimento descrito pelo autor, a noção de identidade nacional, supostamente fixa, acaba por ser, inevitavelmente, desestabilizada e fragilizada, conforme indicado, também, por Silva (2000, p. 88-89):

A viagem obriga quem viaja a sentir-se "estrangeiro", posicionando-o, ainda que temporariamente, como o "outro". [...] Se o movimento entre fronteiras coloca em evidência a instabilidade da identidade, é nas próprias linhas de fronteira, nos limiares, nos interstícios, que sua precariedade se torna mais visível. [...] A possibilidade de "cruzar fronteiras" e de "estar na fronteira", de ter uma identidade ambígua, indefinida, é uma demonstração do caráter "artificialmente" imposto das identidades fixas.

Assim, não é apenas protagonizada por grupos hegemônicos que a resistência se faz presente. Pelo contrário, é nesse âmbito de fluidez e dissolução de fronteiras físicas e simbólicas que grupos minoritarizados podem produzir agenciamentos, assumindo papéis/posições no jogo de poder das representações:

Todo o esforço das minorias consiste em se reapropriar dos meios de definir sua identidade, segundo seus próprios critérios, e não apenas em se reapropriar de uma identidade, em muitos casos, concedida pelo grupo dominante (CUCHE, 2002, p.190).

O cerne deste trabalho é, precisamente, explorar as maneiras por meio das quais os migrantes assumem um papel ativo, um papel de contestação e resistência face a grupos hegemônicos. É, ainda, a partir da noção de “pertencimento” que esses grupos são capazes de deslocar sistemas de representação e dissolver, assim, algumas fronteiras.

Sobre os conceitos de identidade e representação já expostos, vale destacar que não devem ser considerados a partir de um ponto de vista material e absoluto, ou seja, os registros analisados não “dizem” que os migrantes de crise são sujeitos ativos e protagonistas, mas essas representações identitárias ecoam dos *discursos* existentes nesses registros. Conforme Silva (2000), as representações ocorrem na e através da linguagem, não havendo concretude, e sim efeitos de sentido. Ao falar em discurso, recorro a Orlandi (2005, p.21), para quem “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentido entre os locutores.”. Desse modo, é a partir de discursos acerca de migrantes de crise que busco apontar representações relativas a eles.

Após expor as principais questões relacionadas à *identidade e representação*, bem como de sua expressão discursiva, passo a focalizar o termo *migrante de crise*, já apresentado na introdução. Baeninger e Peres (2015) pontuam que compreender o termo implica considerar que a crise está tanto na sociedade de origem dos migrantes, quanto na sociedade que os recebe.

No caso do Brasil, tal crise, bilateralmente configurada, tornou-se ainda mais evidente, conforme as autoras, com a presença haitiana no país após o terremoto de 2010 no Haiti.

Seguindo Baeninger e Peres, Bizon e Camargo (2018, p. 713), ao mobilizarem o conceito de *migração de crise* em sua pesquisa – centrada no município de São Paulo, grande centro e destino de fluxos migratórios – estabelecem certos indícios para definir a crise na sociedade receptora:

(...) um dos aspectos constituintes da crise vivida pela sociedade receptora em face à entrada desses migrantes está no acolhimento e em tudo o que ele implica [...] A nosso ver, no caso do acolhimento, a crise materializada em despreparo se alimenta principalmente de duas ingerências: (i) a quase ausência de políticas institucionalizadas para a recepção, que tenham como um de seus pilares o ensino da língua portuguesa, o que explica o fato de grande parte das ações existentes estarem a cargo do voluntariado, por meio de organizações não governamentais e religiosas, e (ii) a falta de políticas educacionais que trabalhem por uma recepção culturalmente sensível a esse Outro (BIZON; CAMARGO, 2018, p. 713).

A noção de *acolhimento*, nessa perspectiva, é de central importância para abordar a recepção a migrantes de crise. Sua relevância, inclusive, gerou outro termo, que vem ganhando cada vez mais espaço em estudos relacionados à Linguística Aplicada: *língua de acolhimento* (CABETE, 2010; GROSSO, 2010; AMADO, 2013; BARBOSA, 2014). Anunciação (2017, 2018), que problematiza esse novo termo, relembra que a expressão surgiu no contexto europeu, a partir de um programa do Estado português denominado *Portugal Acolhe - Português para Todos*, o qual foi criado a partir da perspectiva de que o acesso aos direitos deve ser associado à proficiência em língua portuguesa. Para a autora, vincular uma certa proficiência de uma certa língua – quase sempre apresentada como única e correta – ao direito de permanecer no país e poder (re)construir a vida pode reforçar o senso comum de nação monolíngue, segundo o qual o país é dotado de suposta homogeneidade linguística.

Ressaltando que as políticas de acolhimento linguístico precisam abandonar o teor assimilacionista, de silenciamento e normatização, Anunciação (2017, 2018) defende uma política de acolhimento que promova de fato agentividade por parte dos migrantes, de maneira a diminuir a distância hierárquica a que estão sujeitos logo que chegam ao país. Seguindo Anunciação, Bizon e Camargo (2018, p.717) preferem falar em *acolhimento em línguas*, enfatizando o envolvimento de mais uma língua no processo de (re)territorialização. Processo que, assim entendido, ampara-se em “uma perspectiva transcultural (CÉSAR; CAVALCANTI, 2007) e translíngue (CANAGARAJAH, 2013), que contempl[a] o uso das diferentes língua(gens) nos diferentes espaços de enunciação” (ANUNCIAÇÃO, 2017, p. 96 apud BIZON; CAMARGO, 2018, p. 717). Ainda conforme as autoras, *acolhimento* deve ser compreendido como

uma relação que não pode ser construída de maneira unilateral, a partir da perspectiva, muitas vezes assimilacionista e proibicionista do país receptor. Deve, sim, ser pensada e operacionalizada multilateralmente, ou seja, no atravessamento dos eixos vertical e horizontal (SANTOS, 2001) que estruturam a construção dos espaços sociais (BIZON; CAMARGO, 2018, p. 716).

Bizon e Camargo (2018, p. 716) explicam que, para Milton Santos (2001), os eixos vertical e horizontal referem-se, respectivamente, às políticas oficiais – estabelecidas no espaço hegemônico e representadas por empresas e instituições governamentais – e às políticas/interesses locais – espaço cotidiano, representado pelas vivências dos indivíduos. Esses eixos, evidentemente marcados por relações de poder, não devem ser concebidos dicotomicamente, afinal funcionam por meio de entrecruzamentos.

O diálogo entre os dois eixos descritos é um ponto crucial na produção de políticas de acolhimento que se insiram em uma perspectiva pos/decolonial, a qual busca possibilidades contra-hegemônicas para a globalização, no sentido de “desestabilizar o pensamento central” (BIZON; DINIZ, 2019, p.159). Desse modo, conforme aponta Bizon (2020, p.588), a perspectiva pos/decolonial que alicerça políticas de acolhimento precisa, necessariamente, (i) reconhecer o multilinguismo dos fluxos migratórios como vantajoso e significativo, (ii) propor um “acolhimento em línguas” (BIZON; CAMARGO, 2018), (iii) considerar as vozes dos sujeitos migrantes e (iv) transformar ausências em presenças (SANTOS, 2002 apud BIZON, 2020, p.588)<sup>10</sup>.

À perspectiva pos/decolonial acima descrita, associa-se o conceito de (re)territorialização (HAESBAERT, 2004), essencial para essa perspectiva de acolhimento com a qual me comprometo, em diálogo com Bizon (2013, 2020). A autora associa a esse conceito a noção de inserção, de modo a sugerir que a inserção é, na verdade, parte do processo de (re)territorialização. Discuto o termo nos próximos parágrafos, visando destacar sua relação com o contexto das migrações de crise e com as representações identitárias de migrantes que se desdobram a partir dele.

A noção de *território* é polissêmica, uma vez que “etimologicamente [o termo território] aparece tão próximo de *terra-territorium* quanto de *terreo-territor* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo” (HAESBAERT, 2007, p. 20). Em qualquer uma das concepções, no entanto, a noção está inegavelmente atrelada a alguma espécie de poder: “o território é uma

---

<sup>10</sup> Citando Santos (2002), a autora defende que políticas reducionistas de acolhimento (BIZON, 2000, p. 587) ressaltam as diferenças que constituem os migrantes, o que contribui para categorizá-los enquanto ausência.

construção histórica e, portanto, social, a partir das relações de poder (concreto e simbólico)” (HAESBAERT; LIMONAD, 2007, p.42).

À concepção de território liga-se, ainda, a noção de *territorialidade*. Para Haesbaert (2007), que indica as mais diversas relações já estabelecidas entre esses dois termos, a territorialidade seria uma concepção mais ampla em relação ao território, de maneira a englobá-lo. Amparada nas discussões de Haesbaert (2004) e em teóricos mobilizados pelo pesquisador, Bizon (2013, p. 122) resume território e territorialidade da seguinte forma:

O *território*, como construção social e política que abarca diferentes instâncias de espacialidade (materiais e simbólicas), não pode prescindir da sua dimensão material por meio de algum tipo de prática espacial. Já a territorialidade, processo por meio do qual são construídos os territórios, não necessita de uma construção material.

Assim, as territorialidades e seus agentes e formas de dominação não se restringem a barreiras físicas, mas podem ser enxergadas, também, simbolicamente. No âmbito da globalização, a noção de territorialidade auxilia a compreender como se dão os processos opostos de resistência/fragmentação das identidades, abordados e ilustrados abaixo nos dizeres de Haesbaert e Limonad (2007, p.42):

Uma análise das territorialidades que surgiram no mundo contemporâneo - quer sejam de fato novas ou não - pode contribuir para uma melhor compreensão do próprio processo de globalização e, quem sabe, ajudar a superar as visões dicotômicas (globalização versus fragmentação) através de uma perspectiva dialética, tanto no sentido de uma globalização que fragmenta como no de uma fragmentação que ao mesmo tempo se antepõe aos processos globais.

Nesse contexto, *territorializar(-se)* possui relação intrínseca com a produção de identidades. Conforme nos ensina Lefebvre (1986, 411-412, apud Haesbaert, 2007, p. 21), na voz ativa, o verbo territorializar(-se) tanto à *dominação* – processo mais concreto, funcional – quanto à *apropriação* – processo mais simbólico. No entanto, na voz passiva – *ser territorializado* –, tal verbo pode querer dizer *desterritorializar-se* ou *territorializar-se precariamente* (HAESBAERT, 2004 apud HAESBAERT, 2007, p. 20). Essa segunda possibilidade é a situação a que, muitas vezes, estão expostos os migrantes de crise, uma vez que a eles, frequentemente, é imposta uma passividade: eles são territorializados de determinada forma, muito mais do que se territorializam.

Vale destacar, no entanto, que qualquer manifestação de poder pode levar a uma resistência por parte daqueles que são por esse poder subjugados. Assim, também a desterritorialização pode levar a uma *reterritorialização*, processo que, no contexto da migração de crise, pode representar precisamente a apropriação simbólica do território, a qual só é possível a partir de um agenciamento por parte dos sujeitos migrantes.

Esse agenciamento, noção central nesta pesquisa, surge de maneira ainda mais intensa no atual período de pandemia de COVID-19. É relevante observar que o coletivo *Deslocamento Criativo*, colaborando com vários grupos de migrantes, passa a tomar parte em “ações de protagonismo social e de solidariedade não somente à população migrante, mas também à brasileira, tendo a chance de visibilizar línguas, conhecimentos e identidades” (BIZON, 2020, p. 599). O acolhimento, nesse sentido, deixa de ser unilateral, uma vez que a crise gerada pela pandemia, aliada às potencialidades dos sujeitos migrantes, possibilita a esses sujeitos uma possível “(re)configuração dos sentidos de solidariedade e de (co)construção de territorialidades significativas e de espaços de pertencimento” (BIZON, 2020, p.598).

Para retratar ações de alguns migrantes pertencentes ao coletivo *Deslocamento Criativo*, durante a pandemia da COVID-19, as quais sugerem agenciamento, reterritorialização, alteração nos sistemas de representação, acredito ser útil mobilizar o conceito de *solidariedade*, apropriado da seguinte forma por Bizon (2020, p.589-590):

[...] para além de ser uma ação circunstancial (movidada por uma certa “virtude” individual e narcísica), a solidariedade pode ser parte de um projeto ontológico (parte de um “metabolismo maior”) em que se inclui o redescobrir-se como parte de um corpo social (a ponto de se chegar a “caminhar e respirar em conjunto”).

Nessa perspectiva, *solidariedade* implica dissolução de fronteiras, engajamento dos indivíduos em uma sociedade que os ultrapassa e da qual, ainda assim, fazem parte. É nesse momento de crise gerado pela COVID-19 que as fragilidades já mencionadas aproximam os indivíduos, impingindo-lhes um estado comum, uma espécie de pertencimento a um *território-mundo* (HAESBAERT; LIMONAD, 2007).

## 1.2. A Contraditória Cordialidade Brasileira: Retomada Histórica

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade - daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal (HOLANDA, 2014, p.176).

Sérgio Buarque de Holanda, no trecho em destaque de seu clássico *Raízes do Brasil*, define o *homem cordial*, noção aplicável ao povo brasileiro como um todo. Sem qualquer intenção de estabelecer diálogo mais aprofundado com Holanda, ou de explorar o conceito conforme o autor o concebe em seu livro – o que fugiria do foco da análise que proponho neste trabalho –, trago aqui suas palavras apenas para ilustrar o retrato clássico do “brasileiro” (o singular, neste contexto, encaixa-se perfeitamente): acolhedor, receptivo, sempre “de

braços abertos”. É essa concepção que pretendo problematizar, utilizando a noção de *cordialidade* para abordar aspectos sociais mais complexos.

Em seu artigo “A Volta de um Rio que faz sonhar”, Lená de Menezes (2012) reflete sobre a categorização do Brasil como possível “país cordial”: “A predisposição do Brasil em receber o estrangeiro de braços abertos é ideia consagrada que necessita sofrer o peso da crítica.”<sup>11</sup>. Para evidenciar essa crítica, a autora cita a expulsão violenta de estrangeiros na Primeira República (1889-1930) e, mais recentemente, a relação tensa entre brasileiros e bolivianos, além de conflitos envolvendo outros migrantes latino-americanos.<sup>12</sup>

Outro ponto explorado no artigo que merece destaque é, precisamente, a relativização dessa cordialidade: temos, de um lado, as grandes ondas de imigrantes europeus entre os séculos XIX e XX, os quais ocuparam cargos na indústria e comércio, e, de outro, a chegada dos haitianos em 2010, marcada por condições precárias de subsistência. Entramos em contato, desse modo, com uma espécie de *cordialidade seletiva*, que “abre os braços” (MENEZES, 2012, p.49) para o imigrante branco e europeu, o qual contribuiria para o progresso do país, e fecha as fronteiras para o imigrante negro e latino, que “rouba[ria] empregos” dos brasileiros.<sup>13</sup>

Vale ressaltar, em relação à imigração haitiana, alguns aspectos que são centrais para esta retomada histórica, uma vez que esse movimento é um marco no cenário brasileiro recente de imigração internacional. Assim, é possível entender o processo de recepção desses migrantes, além das representações impostas a eles, enquanto um retrato de nossa cordialidade seletiva na última década.

O terremoto no Haiti, em 2010, foi um evento que determinou a migração haitiana para o Brasil, porém deve ser analisado ao lado de outros fatores. Tal processo é amplamente discutido por Baeninger e Peres (2015, 2017), para quem são elementos-chave para a migração haitiana: (i) a presença do Brasil no Haiti por meio do comando da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH); (ii) as condições sociais e históricas do país; (iii) as restrições dos Estados Unidos e da Europa em relação à aceitação desses migrantes em seus territórios.

---

<sup>11</sup> MENEZES, L. M. de. A Volta de um Rio que faz sonhar. Rio Pesquisa, Rio de Janeiro, n. 20, p. 48-50, set, 2012, p.59.

<sup>12</sup> Sobre a questão, ver BAENINGER, R.; MESQUITA, R. B. Integração regional e fronteiras: desafios para a governança das migrações internacionais na América Latina. **Revista Transporte Y Territorio**, 2016, p. 146-163. Em relação, especificamente, à migração boliviana, ver Baeninger, R., & Simai, S. Discurso, negação e preconceito: bolivianos em São Paulo. In: BAENINGER, R. (Org.). **Imigração Boliviana no Brasil**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012, p.195-210.

<sup>13</sup> Utilizo “imigrante”, por ser este o termo mobilizado por Lená de Menezes.

No Brasil, a chegada efetiva de migrantes haitianos tem deixado evidente um processo de territorialização precária (HAESBAERT, 2004) de grande parte dessa população, motivada por uma série de fragilidades de ordem social, econômica e política que vem acompanhando o Brasil<sup>14</sup> – não apenas, mas especialmente – em sua história recente, geradora também de uma crise migratória, que pode ser descrita do seguinte modo:

[...] uma sociedade despreparada e antiquada em termos de sua legislação migratória, de sua capacidade em dimensionar e mensurar o fluxo migratório, na falta de políticas de acolhimento e de emprego, no preconceito, no racismo e na manifestação de xenofobia em relação a essa população imigrante. (BAENINGER; PERES, 2017, p. 125).

No que diz respeito, especificamente, à *representação*, estabeleço um diálogo com o artigo de Cavalcanti e Bizon (no prelo), que discute como migrantes haitianos são narrados em manchetes e notícias publicados em portais digitais brasileiros, no período entre 2014 e 2018. Nos excertos analisados pelas autoras, ficam evidentes representações desses migrantes associadas a “passividade”, “ameaça”, “problema”, “invasão” e “invisibilidade”, que se concretizam em manifestações claras de racismo e xenofobia, principalmente nos comentários de internautas.

Considerando que diferentes processos migratórios fazem parte da “história” do Brasil, ressalto que o conceito de *cordialidade* deva ser utilizado com muitas aspas, dado que o país é historicamente caracterizado por uma recepção bastante seletiva, de maneira a exaltar, de um lado, as qualidades do estrangeiro e, de outro, a ameaça que este potencialmente gera, conforme convenha aos preconceitos e construções sociais vigentes.

Deve ser destacado, no entanto, que o atual contexto de pandemia tem evidenciado processos de resistência e busca de territorialização significativa por parte de migrantes de crise, de modo que, ainda que a receptividade nem sempre seja dada, ela pode ser tomada, em um processo ativo do que eu poderia denominar como resistência voltada ao pertencimento.

Tendo discutido os principais conceitos que amparam a análise dos dados, no próximo capítulo, explico a metodologia que estrutura esta pesquisa.

---

<sup>14</sup> País de destino; voltamos à noção de migração de crise, a qual afeta os dois polos do processo.

## 2. UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA QUALITATIVO-INTERPRETATIVISTA

A pesquisa qualitativo-interpretativista (MASON, 2002; FLICK, 2009), longe de representar um desvínculo completo em relação à pesquisa quantitativa, ou ainda uma solução às problemáticas relativas a esta – principalmente no âmbito das ciências humanas –, surgiu da necessidade de uma abordagem que possibilitasse um estudo mais situado das práticas sociais. Conforme Flick (2009, p.21), “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo de relações sociais devido à pluralização das esferas de vida.” Não é possível atribuir generalizações a eventos particulares, de modo que “as narrativas agora precisam ser limitadas em termos locais, temporais e situacionais” (FLICK, 2009, p.21). Assim, o estudo de (grupos de) indivíduos e suas práticas exige do(a) pesquisador(a) atitude ativa e analítica, que muito se distancia da suposta neutralidade exigida por métodos mais tradicionais (MASON, 2002).

Entendo que esta pesquisa exige essa postura ativa de interpretação dos dados, não apenas, mas, especialmente, devido ao contexto particular em que foram gerados. Os conceitos abordados na seção anterior são a base de minha análise, que a situam em uma dada perspectiva teórica dentro dos estudos da linguagem. Ainda assim, é necessário ressaltar que, mesmo que as discussões no escopo dessa perspectiva validem e legitimem a análise, são os dados em si que a direcionam, uma vez que a pesquisa qualitativa sugere, precisamente, a necessidade de flexibilização e, desse modo, a impossibilidade de enquadrar os registros em caixas teóricas herméticas.

O conjunto de dados que compõe o corpus desta pesquisa provém de quatro mídias digitais distintas: (i) *posts* publicados na página de Facebook do coletivo Deslocamento Criativo, (ii) uma notícia divulgada pela Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), (iii) uma notícia divulgada pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e (iv) uma notícia publicada pelo jornal Folha Dirigida<sup>15</sup>. Por serem extensas, as três notícias não são trazidas integralmente no capítulo de análise dos dados, mas são contextualizadas e, além disso, disponibilizadas em Anexo. No caso dos *posts*, optei por selecionar quatro publicações devido à extensão dos textos, muito reduzida em relação às demais matérias - a apresentação integral de cada um também foi motivada pela mesma razão. Além disso, tendo o coletivo Deslocamento Criativo como elemento central de minha pesquisa, proponho uma breve comparação entre os quatro *posts*, no momento da análise.

---

<sup>15</sup> Todas essas fontes serão abordadas de modo mais aprofundado mais adiante e suas publicações aparecem sistematizadas na tabela que encerra este capítulo.

Como cada uma dessas mídias é pública e visa à ampla divulgação de suas publicações, é imprescindível, na análise desses registros, considerar questões como o ambiente virtual em que se situam, por que(m) e para quem foram escritos, com qual finalidade, entre outros (MASON, 2002). Além disso, como o critério de seleção envolve, precisamente, a diversidade de contextos em que cada uma dessas fontes está inserida, faço uma breve contextualização acerca delas no parágrafo a seguir.

O **coletivo Deslocamento Criativo**<sup>16</sup> foi criado, inicialmente, com o intuito de “mapear e dar visibilidade à produção e à participação de refugiados que vivem na cidade de São Paulo e atuam na área da Economia Criativa”<sup>17</sup>. Além disso, visa favorecer a inclusão de refugiados no mercado criativo e mobilizar políticas públicas voltadas a esse contexto. No período da pandemia, o coletivo ganhou maior notoriedade ao assumir papel central no acolhimento e inserção de migrantes e populações fragilizadas, além de buscar promover ações que beneficiem a sociedade paulistana como um todo. A **Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados** (ACNUR)<sup>18</sup> tem o propósito de gerar soluções para as dificuldades enfrentadas por refugiados no Brasil. O **Fundo de População das Nações Unidas** (UNFPA)<sup>19</sup>, por sua vez, atua no Brasil de maneira a promover, em conjunto ao governo e outras organizações, políticas e programas relacionadas à população. Por fim, o **Folha Dirigida**<sup>20</sup>, que é um portal de notícias *online* e cobre todo o território brasileiro.

A intenção, com essas escolhas, foi buscar diferentes perspectivas acerca da questão do refúgio, sendo elas produzidas a partir de: (i) um olhar mais específico e interno ao contexto de migração de crise, representado pelo Deslocamento Criativo, primeiramente, e depois pelo ACNUR; (ii) da posição de um órgão que atua no que concerne à população migrante, não tratando apenas do contexto do refúgio, como é o caso do UNFPA; (iii) uma visão mais ampla e geral, representada pelo veículo de comunicação Folha Dirigida. Dada a perspectiva teórica por mim assumida, bem como o reduzido corpus selecionado, busco não produzir generalizações nas/das análises, projetando-as para contextos macro. O que me interessa é trabalhar com um conjunto de registros heterogêneo e plural, por isso mesmo, opto por fontes diversas de dados, já anteriormente descritas.

---

<sup>16</sup> Deslocamento Criativo. Disponível em: <http://www.deslocamentocriativo.com.br/>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

<sup>17</sup> Deslocamento Criativo, op. cit.

<sup>18</sup> ACNUR. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

<sup>19</sup> UNFPA. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/>. Acesso em: 15 de maio de 2020

<sup>20</sup> Folha Dirigida. Disponível em: <https://folhadirigida.com.br/>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

Outro ponto que julgo necessário destacar é o fato de que selecionei publicações disponibilizadas no mesmo período, no caso, entre abril e maio de 2020, momento próximo ao início da pandemia de COVID-19 no Brasil. Além disso, assim como já pontuei na introdução, focalizei ações ocorridas na cidade de São Paulo. Desse modo, o corpus focalizado representa a totalidade de conteúdo disponível digitalmente referente ao contexto pesquisado, no período escolhido, e pertencente a grandes portais abertos de notícias. A seguir, encontra-se uma tabela que sistematiza as principais informações acerca das publicações que constituem o corpus da pesquisa, com suas respectivas fontes:

Quadro: Fontes dos Dados Analisados

TIPO DE TEXTO	FONTE	DISPONÍVEL EM	DATA DE PUBLICAÇÃO
Notícia	ACNUR	<a href="https://www.acnur.org/portugues/2020/04/21/covid-19-mascaras-produzidas-por-refugiados-e-migrantes-beneficiam-abrigos-publicos-em-sao-paulo/">https://www.acnur.org/portugues/2020/04/21/covid-19-mascaras-produzidas-por-refugiados-e-migrantes-beneficiam-abrigos-publicos-em-sao-paulo/</a>	21 de abril de 2020
Notícia	UNFPA	<a href="https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/designer-e-estilista-refugiada-s%C3%ADria-produz-m%C3%A1scaras-para-distribuir%C3%A7%C3%A3o-popula%C3%A7%C3%A3o-vulner%C3%A1vel">https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/designer-e-estilista-refugiada-s%C3%ADria-produz-m%C3%A1scaras-para-distribuir%C3%A7%C3%A3o-popula%C3%A7%C3%A3o-vulner%C3%A1vel</a>	27 de abril de 2020
Notícia	Folha Dirigida	<a href="https://folhadirigida.com.br/mais/noticias/especiais/mascaras-caseiras-salvam-vidas-mas-tambem-a-renda-na-quarentena">https://folhadirigida.com.br/mais/noticias/especiais/mascaras-caseiras-salvam-vidas-mas-tambem-a-renda-na-quarentena</a>	06 de maio de 2020
Post em Rede Social (Facebook)	Deslocamento Criativo	<a href="https://www.facebook.com/pg/DeslocamentoCriativo/posts/">https://www.facebook.com/pg/DeslocamentoCriativo/posts/</a>	5 de abril de 2020 11 de abril de 2020 27 de abril de 2020 9 de maio de 2020

Fonte: elaboração própria

### 3. **DESLOCAMENTO CRIATIVO: REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DE MIGRANTES DE CRISE**

Destaco e analiso, neste capítulo, alguns trechos – ênfase, mais uma vez, que não trago as notícias integralmente, devido a sua extensão – das publicações que são foco desta análise, os quais considero relevantes para ilustrar as representações de agenciamento e pertencimento que me proponho a discutir nesta pesquisa. Não pretendo, no entanto, ignorar aspectos que evidenciem as estruturas de poder ainda em vigência; penso ser essencial indicar forças contrárias e ambivalentes, de modo a não apagar o movimento, nem sempre pacífico – se é que alguma vez o foi ou pode vir a ser – dos sistemas de representação.

Visando maior organização, analiso cada publicação individualmente, de maneira a separá-las em subtópicos<sup>21</sup>, não deixando, contudo, de estabelecer algumas conexões entre elas.

#### 3.1. **Notícia Publicada no Portal do ACNUR (abril/2020)**<sup>22</sup>

A primeira matéria em tela tem como principal foco a produção de máscaras por refugiados e migrantes, no período de pandemia de COVID-19. Ela trata, inicialmente, dos agentes envolvidos nessa produção e dos principais objetivos da mesma, que seriam a distribuição gratuita dessas máscaras em abrigos de São Paulo responsáveis pelo acolhimento de refugiados e migrantes. É destacada, também, a participação do coletivo Deslocamento Criativo nesse processo, de maneira que são apresentados depoimentos de refugiados que protagonizam essa ação. Ao final da notícia, é indicada, ainda, a contribuição do próprio ACNUR para viabilizar o projeto.



**Figura 1: Print do Início da Notícia do ACNUR**

<sup>21</sup> O critério de ordenação dos subtópicos foi cronológico: as notícias foram abordadas a partir da mais antiga até a mais recente, e o mesmo ocorreu no caso dos *posts*.

<sup>22</sup> Anexo 1.

Início a análise a partir da própria manchete, que destaca a fabricação de máscaras, os agentes dessa produção e os principais beneficiados:

**COVID-19: máscaras produzidas por refugiados e migrantes beneficiam abrigos públicos em São Paulo**

Significante pontuar que o fato de a expressão “refugiados e migrantes”, na oração, desempenhar função sintática de agente da passiva, ajuda a posicionar esses indivíduos como realizadores efetivos da ação em foco. O texto da manchete ainda indica serem esses sujeitos que, por meio de sua ação, promovem benefícios à sociedade. Ou seja, deixam de ocupar um papel passivo, de quem precisa de auxílio, passando a ocupar um lugar de quem também pode auxiliar. Essa mudança no quadro identitário, em que se substitui a passividade pela agentividade, torna-se ainda mais evidente no seguinte trecho da matéria:

[...] uma atividade tem integrado pessoas refugiadas e migrantes nas duas pontas do processo: a produção, distribuição e uso de máscaras de proteção para mitigar os efeitos da transmissão do vírus.

No caso, as citadas “duas pontas do processo” são ocupadas pelos migrantes de crise, o que, novamente, sinaliza um certo balanço no sistema de representações, dado que “pessoas refugiadas e migrantes” são visibilizadas como aquelas que também podem fornecer ajuda.

Vale indicar, além disso, a referência aos agentes envolvidos na produção de máscaras:

Sob a coordenação do Ministério Público do Trabalho (MPT) e da Universidade de Campinas (Unicamp), o coletivo Deslocamento Criativo está produzindo máscaras de tecido para serem distribuídas gratuitamente em abrigos de São Paulo que acolhem pessoas refugiadas e migrantes, que estão em quarentena por causa da pandemia.

Vê-se que o processo de produção envolve um atravessamento entre verticalidades – MPT e Unicamp – e horizontalidades (SANTOS, 2001) – Deslocamento Criativo –, sendo as últimas compostas por sujeitos migrantes integrantes da “ponta” que, ativamente, fornece ajuda. Entre eles, o jornal focaliza a designer Hayam Kasem:

Na linha de frente da produção das máscaras está a síria Hayam Kasem, de 29 anos. Ela é designer de moda e chegou ao Brasil há sete anos como refugiada, sendo que há duas semanas aplica seu conhecimento e talento na produção das máscaras.

Note-se o uso da expressão “linha de frente”, que, certamente, indicia o papel autônomo, ativo e relevante desempenhado por Hayam. Além disso, é significativo observar que a primeira caracterização de Hayam Kasem é como “designer de moda”; o fato de ser “refugiada” aparece

após, e não recebe destaque, já que “conhecimento e talento” se aplicam, precisamente, à primeira característica. Assim, a atividade profissional de Kasem é evidenciada, valorizada, sobrepondo-se a sua condição de refugiada.

Evidencia-se, nos efeitos de sentido que emergem do discurso a seguir, outra significativa mudança no sistema de representações dos migrantes de crise, a qual remete ao conceito de *solidariedade*:

Entre os participantes do coletivo [Deslocamento Criativo] estão pessoas refugiadas e migrantes que tiveram seus negócios habituais afetados pela pandemia e decidiram aderir a esta ação social apoiada pelo ACNUR e pelo UNFPA (Fundo de População das Nações Unidas).

É possível presumir que as adversidades geradas aos participantes do coletivo, que tiveram seus “negócios habituais afetados pela pandemia”, não dizem mais respeito exclusivamente a sua condição de refugiados. Essas adversidades integram os migrantes de crise a um contexto mais amplo: eles fazem parte, também, do corpo social, o qual abrange milhares de indivíduos que enfrentam dificuldades muito semelhantes.

Dessa maneira, nota-se que o envolvimento com a ação social, com essa causa solidária, pode representar esse sentimento coletivo, mais desperto do que nunca em um momento de crise econômica resultante da pandemia. Ecos dessa questão aparecem, igualmente, na fala de Maria Beatriz Nogueira, chefe do escritório do ACNUR em São Paulo:

“A pandemia do novo coronavírus é um desafio global que deve ser enfrentado por meio da solidariedade e cooperação de todos os setores e esta ação reforça o quanto as pessoas refugiadas estão contribuindo para propor soluções [...]”

Pode-se dizer que a fala de Maria Nogueira reforça o importante papel desempenhado por todos aqueles que promovem ações solidárias e enfatiza, precisamente, o quanto a mobilização dos migrantes de crise é relevante nesse contexto. Observa-se, assim, uma aproximação à perspectiva de acolhimento defendida por Bizon e Camargo (2018, p. 716), ou seja, um acolhimento que deixa de ser unilateral e envolve a participação ativa dos migrantes.

Merece destaque, por fim, o trecho que fecha a notícia, a partir do qual podemos abordar, mais uma vez, o entrecruzamento dos eixos, além de algumas representações que fortalecem certa hierarquia social ainda vigente:

A Agência da ONU para Refugiados tem atuado no fortalecimento da comunicação com refugiados por meio da Plataforma Help e segue trabalhando de forma coordenada com os governos para garantir que as pessoas refugiadas sejam incluídas na resposta à COVID-19.

Nesse parágrafo, é possível observar novamente, no discurso propagado pelo portal da agência, a busca pela conexão entre os eixos vertical (representado pelo ACNUR e os governos) e horizontal (representado pelas pessoas refugiadas), entre ações institucionalizadas e organizações que se dão no espaço cotidiano. O balanço no sistema de representações é também reforçado no final do trecho: “[...] garantir que pessoas refugiadas **sejam incluídas na resposta à COVID-19.**”. Assim, os migrantes não são encarados enquanto o “problema”<sup>23</sup>, mas sim como parte da solução.

Há, no entanto, certos ecos de uma organização/hierarquização social que não devem ser ignorados: a voz passiva do verbo – “sejam incluídas” – e a referência apenas a agentes institucionalizados, pertencentes às verticalidades, não deixa de denotar certa passividade atribuída às pessoas refugiadas, mesmo no processo de inclusão que é proposto.

### 3.2. Notícia Publicada no Portal do UNFPA (abril/2020)<sup>24</sup>

A notícia disponível no site do UNFPA também trata da produção de máscaras por refugiados, porém focaliza a designer e estilista síria, mencionada, também, na notícia anterior. A trajetória de Hayam é explorada de modo mais detalhado nessa matéria, e seu envolvimento com o Deslocamento Criativo é, também, destacado. Após uma contextualização das ações da designer, que atua em conjunto com outras instituições e organizações, há dois parágrafos finais que destacam as iniciativas do UNFPA relativas ao processo de produção de máscaras.



Figura 2: Print do Início da Notícia do ACNUR

<sup>23</sup> Faço referência, nessa parte, ao artigo de Cavalcanti & Bizon (2020) – e às representações nele analisadas –, abordado no tópico anterior.

<sup>24</sup> Anexo 2.

Para abrir a análise, apresento, mais uma vez, a manchete, que enfatiza o protagonismo de Hayam e a colaboração do UNFPA:

**Designer e estilista, refugiada síria produz máscaras para distribuição à população vulnerável de SP. Ação é apoiada pelo UNFPA**

Há, nessa manchete, um detalhe curioso: na notícia publicada no portal do ACNUR, o sobrenome da designer está grafado com “e” - Kasem - enquanto, na matéria do UNFPA, é grafado com “i” - Kasim<sup>25</sup>. Apesar desse fato soar como um mero equívoco por parte de algum dos redatores, soa contraditório que alguém que recebe tamanho destaque possa ter seu sobrenome alterado na publicação da notícia.

Por outro lado, nota-se uma questão que se assemelha ao que pôde ser observado na notícia do ACNUR: mais uma vez, a atividade profissional de Hayam aparece antes da caracterização “refugiada”. Na manchete acima, o fato é ainda mais interessante, pois, para que esse processo ocorra, foi necessária uma inversão na ordem usual da oração, uma vez que a expressão “designer e estilista”, em ordem corrente, faria parte de uma oração subordinada adjetiva, que apareceria **após** o sujeito. Nesse caso, o período seria: “refugiada síria, que é designer e estilista, produz [...]”. Desse modo, é possível sugerir que o deslocamento simbólico no sistema de representação identitária acarretou, também, um deslocamento material na sintaxe da própria língua.

Ainda em relação à manchete, aparece novamente o entrecruzamento entre os eixos horizontal – representado, no caso, pela designer e estilista que é refugiada – e vertical – representado pelo UNFPA –, uma vez que ambos estão envolvidos no processo. Ainda assim, é notável o destaque dado à Hayam Kasim, pois, no restante da notícia, ela é retratada como principal protagonista. O uso do verbo **apoiar** – “ação é apoiada pelo UNFPA” –, inclusive, reforça esse protagonismo e agenciamento por parte de Kasim. O entrecruzamento dos eixos aparece, também, no corpo da notícia:

De uma forma que ela não imaginava, seus talentos agora estão sendo aproveitados para confeccionar máscaras de pano, que estão sendo distribuídas à população vulnerável de São Paulo por meio de um projeto encabeçado pelo Ministério Público do Trabalho (MPT) e o Núcleo de Estudos Populacionais Elza Berquó (Nepo), da Unicamp, e apoiado pelo Fundo de População da ONU (UNFPA) e a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR).

Nessa parte, no entanto, nota-se uma espécie de inversão em relação ao que foi apontado na manchete. No trecho acima, o projeto é “encabeçado” por instituições pertencentes às

<sup>25</sup> O sobrenome da designer, na realidade, é escrito com “-i”, porém grafiei, em cada uma das ocorrências, da maneira como foi feito por cada um dos veículos.

verticalidades, são elas que ocupam papel de destaque. Por outro lado, os talentos de Kasim “estão sendo aproveitados”, ou seja, a voz passiva sugere que não é ela quem, ativamente, “aproveita” seus talentos. A seguir, é estabelecida a conexão entre Hayam e o Deslocamento Criativo:

Hayam já fazia parte do coletivo Deslocamento Criativo, apoiado pelo Observatório das Migrações em São Paulo, quando foi convidada a confeccionar as máscaras de forma remunerada, junto a outras pessoas com habilidade de costura que fazem parte do grupo. A ideia do Ministério Público do Trabalho (MPT) e da Universidade de Campinas (Unicamp) é estimular a atividade profissional das pessoas migrantes e refugiadas ao mesmo tempo em que garante a proteção de outras pessoas em situação de vulnerabilidade.

De maneira diversa ao que ocorreu na matéria do ACNUR, no caso do trecho acima, o coletivo, na primeira vez em que é citado, recebe apenas uma menção, não sendo destacado como agente que é parte integrante do processo de fabricação. Hayam, por sua vez, não está “na linha de frente”, como na notícia anterior; ela foi convidada juntamente com outras pessoas.

Outro ponto a ser destacado nessa parte é o fato de continuar sendo reforçado o protagonismo dos agentes pertencentes às verticalidades, registrando-se que a “ideia” parte dessas instituições, que “estimulam a atividade profissional”. Na notícia anterior, pelo contrário, o engajamento foi concebido como iniciativa dos próprios migrantes.

O trecho final da notícia, que trago a seguir visando uma progressão temática mais organizada e coerente, reforça, mais uma vez, o discurso do papel ativo das instituições que fazem parte do eixo vertical. O próprio protagonismo do UNFPA, inclusive, é destacado:

O Fundo de População da ONU vai custear mais uma leva de produção de mil máscaras junto ao projeto da Unicamp e do MPT. “Nós temos uma parceria de longa data com o NEPO e essa iniciativa vai ao encontro ao trabalho que já estamos fazendo para diminuir o impacto da pandemia entre as pessoas que são mais vulneráveis. Ela garante renda para esses artesãos e artesãs ao mesmo tempo em que proporciona o acesso à máscara e à prevenção a um maior número de outras pessoas”, observa a representante do UNFPA, Astrid Bant.

Nota-se o registro sobre um trabalho conjunto envolvendo três representantes do eixo vertical – UNFPA, Unicamp e MPT – para “diminuir o impacto da pandemia entre as pessoas que são vulneráveis”. Os agentes do processo aparecem, nesse trecho, restritos a essas instituições, sendo invisibilizada a participação do Deslocamento Criativo e dos refugiados que atuam na produção das máscaras.

Vale abordar, ainda, as partes do depoimento de Hayam selecionadas em cada uma das matérias. Essas seleções sugerem que focos diversos foram definidos, no sentido de atribuir a

ela menor ou maior autonomia e agenciamento, conforme o caso. Na notícia do UNFPA, há o seguinte trecho desse depoimento:

“O Brasil é meu segundo país e eu peço ajuda para voar de novo. Meu sonho é ser estilista e fazer moda”, afirma.

Nesse caso, a designer “pede ajuda”, ou seja, parece ser ressaltada sua própria fragilidade enquanto migrante, especialmente em período de pandemia, e não seu protagonismo na promoção de ações que possam, elas próprias, auxiliar a sociedade, como aparece em sua fala na matéria do ACNUR<sup>26</sup>:

“A situação atual requer que todos trabalhemos juntos para ajudar nossos vizinhos e a cidade onde moramos. Consegui trazer a máquina de costura do estúdio onde trabalhava para minha casa, e aqui a produção não pode parar”, diz a designer que, após a pandemia, sonha em realizar um desfile de moda no Brasil.

Na transcrição acima, o discurso acerca da ajuda não é direcionado a Hayam, e sim a seus vizinhos e comunidade. Desse modo, seu papel é ativo, sendo ela a agente de prestação auxílio no período de pandemia. Por outro lado, quando Hayam diz, no trecho retirado da matéria do UNFPA, que “o Brasil é meu segundo país”, não podemos deixar de destacar o tom de pertencimento e reterritorialização que ecoa em seu discurso. Ainda que não seja seu país originário, seu “primeiro país”, Hayam faz um apelo precisamente por se sentir pertencente ao Brasil e, dessa maneira, também parte da comunidade. Desse modo, pode-se dizer que ela pede ajuda como integrante da sociedade brasileira, e não no papel de refugiada síria. Assim, os vestígios da solidariedade também se fazem presentes em sua fala, uma vez que ela, em situação de pandemia, passa pelas mesmas adversidades que muitos outros indivíduos.

### **3.3. Notícia Publicada no Portal do Folha Dirigida (maio/2020)<sup>27</sup>**

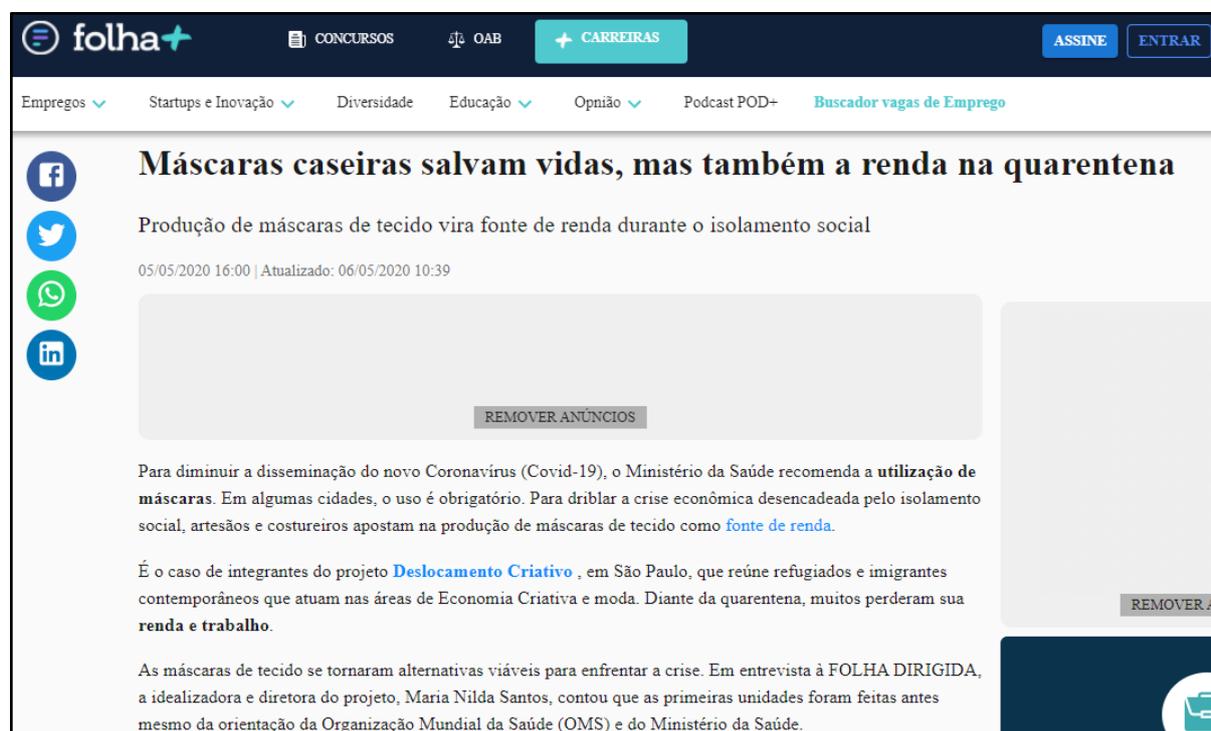
A notícia do Folha Dirigida, publicada algumas semanas após as outras duas notícias analisadas, assume um teor bem mais genérico do que as demais, pois o foco não está somente em ações de refugiados e migrantes durante a pandemia. O principal diálogo, nesse sentido, é estabelecido com o coletivo Deslocamento Criativo, a partir de depoimentos de Maria Nilda, idealizadora do projeto. Não são apresentados refugiados envolvidos na produção e essa parte ocupa apenas o bloco inicial da notícia. O segundo bloco diz respeito à história de Lorena Nogueira dos Santos que, à época, confeccionava máscaras de tecido, de maneira que a costura, atividade que já exercia anteriormente, adquire um caráter profissional e, ainda, única forma

---

<sup>26</sup> Essa fala não foi analisada anteriormente, por isso a transcrevo nesse momento.

<sup>27</sup> Anexo 3.

de subsistência. O terceiro e último bloco, por sua vez, trata do e-book disponibilizado pelo Sebrae RJ, um material gratuito que traz orientações relativas à confecção de máscaras de tecido e que instrui os leitores acerca da correta utilização das máscaras.



**Figura 3: Print do Início da Notícia do Folha Dirigida**

Uma vez que analisar os últimos dois blocos da matéria – acima abordados – seria um desvio de meu foco, tratarei apenas da primeira parte e da manchete, reproduzida a seguir:

### **Máscaras caseiras salvam vidas, mas também a renda na quarentena**

Nessa manchete, contrariamente ao que se deu nos textos das matérias anteriormente focalizadas, não são explicitados os agentes da produção de máscaras e nem sua contribuição para a sociedade. Destaca-se, apenas, que as máscaras são responsáveis por “salvar a renda”, ou seja, não são os migrantes – apesar de não serem citados na manchete, sabemos tratar-se deles, fato que se torna explícito no corpo da notícia – que trazem contribuição a partir de uma ação voltada à comunidade. A ação em si os auxilia. No próximo excerto, a menção a “refugiados e imigrantes” é explícita:

Para driblar a crise econômica desencadeada pelo isolamento social, artesãos e costureiros apostam na produção de máscaras de tecido como fonte de renda. É o caso de integrantes do projeto Deslocamento Criativo, em São Paulo, que reúne refugiados e imigrantes contemporâneos que atuam nas áreas de Economia Criativa e moda.

Diante da quarentena, muitos perderam sua renda e trabalho.

Observa-se, no excerto, o enquadramento de “refugiados e imigrantes” no conjunto de “artesãos e costureiros”, sendo todos esses grupos de indivíduos afetados pela quarentena, pois “perderam sua renda e trabalho”. É possível destacar, mais uma vez, a noção de pertencimento que parece se sobressair, já que os migrantes fazem parte do grupo sujeito à “crise econômica desencadeada pelo isolamento social”. Ou seja, as adversidades que encontram não estão relacionadas exclusivamente a sua condição de migrantes de crise, mas a um contexto social mais amplo, à crise gerada pela pandemia. Uma menção é feita, então, ao Deslocamento Criativo:

[...] a idealizadora e diretora do projeto, Maria Nilda Santos, contou que as primeiras unidades foram feitas antes mesmo da orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde. Ela definiu a confecção dos acessórios de proteção como um “meio importante de **sobrevivência**” para os profissionais. (Grifo da autora)

Temos, nessa parte, manifestações de agenciamento no discurso de Maria Nilda relativo ao projeto que gerencia. A expressão “antes mesmo” o papel na “linha de frente” (empréstimo do termo da notícia do ACNUR) da produção das máscaras. Ademais, o verbo “definir” ajuda a indiciar o papel ativo do coletivo, cujos gestores e participantes trabalham em torno de medidas para garantir um “meio de sobrevivência”.

A menção à OMS, por sua vez, reforça o protagonismo por parte de instâncias horizontais, cujas ações são narradas como anteriores às próprias orientações de uma instituição pertencente ao eixo vertical. É relevante também considerar que os migrantes e refugiados são caracterizados, no final do trecho, como “profissionais”. Mais uma vez, assim como nas publicações anteriores, nota-se o destaque à função social desses sujeitos, que se sobrepõe a sua condição de migrantes de crise.

Outra fala de Maria Nilda contribui para ecoar o agenciamento dos migrantes citado no parágrafo anterior:

“Considerando isso, estamos contentes em poder contribuir para gerar renda e, ao mesmo tempo, minimizar a propagação do vírus. Foi surpreendente, mais trabalho do que imaginávamos, felizmente”, concluiu.

Visibiliza-se, novamente, a participação de migrantes e refugiados nas “duas pontas do processo”, conforme apontado na notícia publicada no portal do ACNUR. Os migrantes de crise são narrados ocupando o papel ativo de produção das máscaras, que servirá, também, para geração de renda – explícito em “contribuir para gerar renda” –, e, “ao mesmo tempo”, o papel

de população fragilizada, que será beneficiada por essa produção – conforme é possível inferir na expressão “minimizar a propagação do vírus”.

### **3.4. Posts Publicados na Página de Facebook do Deslocamento Criativo (abril-maio/2020)**

Sigo, nesta seção, com a última parte de minha análise, que trata de *posts* de Facebook divulgados na página do Deslocamento Criativo. Foram selecionadas quatro postagens relativas à produção de máscaras, todas publicadas em um período próximo ao das notícias focalizadas.

Ao longo da análise individual de cada *post*, estabeleço algumas comparações entre eles, tendo como base, principalmente, a organização temporal, conforme já apontado. Utilizo a ordem cronológica para sugerir que, entre um dos *posts* iniciais do período de pandemia (*Post* 1) e o último analisado (*Post* 4), há mudanças discursivas relevantes, que merecem ser analisadas. Volto a ressaltar que, dada a extensão dos textos – bastante curtos, diferentemente dos anteriores –, são aqui trazidos integralmente.

#### **3.4.1. Post 1 (abril/2020)**

O *post* abaixo foi um dos primeiros a divulgar a produção de máscaras, e tem como principal objetivo trazer essa informação ao público:

Ótimo domingo para todes!  
Amigxs, alguns migrantes já estão desenvolvendo máscaras de algodão, lavável. Sem saber o que fazer, migrantes se verão sem chão diante da crise e então pensamos esta solução que está crescendo dia a dia.  
Encomende, divulgue, toda ajuda é bem-vinda! São modelos estilosos, panos africanos com estampas variadas.  
É perfeito quando a pessoa reúne outros vizinhos e compram juntos, assim compensa o frete. Não é lindo? De quebra contribuímos para a geração de renda a migrantes e para minimizar a transmissão do vírus.

Vale pontuar que, nesse *post* inicial, o maior espaço da postagem é destinado a justificar a produção de máscaras e solicitar auxílio. A situação a que os migrantes foram expostos, no período de quarentena à época, é explicada no primeiro parágrafo, no trecho: “Sem saber o que fazer, migrantes se virão sem chão diante da crise”. Sugere-se, assim, um papel de fragilidade que é atribuído a esses sujeitos.

Note-se que, no primeiro parágrafo, o uso do verbo “pensamos”, no trecho “pensamos esta solução que está crescendo dia a dia”, tem como sujeito da ação o pronome “nós”, que representa, provavelmente, o coletivo Deslocamento Criativo – o que, mais uma vez, reforça o importante papel das horizontalidades. Por outro lado, pode-se dizer que se estabelece um certo

distanciamento entre o coletivo e os migrantes, não estando os segundos incluídos nesse “nós”, dado que são citados três vezes em terceira pessoa: “alguns migrantes”, “migrantes se verão sem chão”, “geração de rendas a migrantes”.

A seguir, nota-se o apelo a partir de verbos no imperativo: “Encomende, divulgue, toda ajuda é bem-vinda!”. Ao situar a compra e divulgação do produto em termos de “ajuda”, é possível inferir que o objetivo da produção está centralizado no auxílio que se pode fornecer aos migrantes, sendo a contribuição à comunidade mais geral sugerida apenas no último parágrafo: “De quebra contribuimos para a geração de renda migrantes e para minimizar a transmissão do vírus”. Registre-se que a expressão “de quebra” ajuda a reforçar a centralidade da ajuda em termos de geração de renda, de modo que a colaboração, no sentido de “minimizar a transmissão do vírus”, aparece de maneira secundária.

### 3.4.2. Post 2 (abril/2020)

A segunda publicação, transcrita a seguir, introduz a notícia do jornal Folha de S. Paulo – anexada na postagem –, que tem a seguinte manchete: “Imigrantes se reinventam vendendo máscaras, marmitas e aulas online para driblar crise”<sup>28</sup>:



**Figura 4: Print do Início da Notícia do Folha se S. Paulo**

Sim, nos adaptamos rapidamente unindo aqueles que já atuavam com moda/artesanato. Quando a pandemia foi anunciada, eventos, cursos e todas as atividades com as quais a nossa turma atua, foram canceladas/adiados e ficamos sem chão, mas logo pensamos em como encontrar alternativas que pudessem gerar renda para essa turma. Esta foi uma delas, logo ofereceremos outras, aguardem !

<sup>28</sup> Folha de SP. <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/imigrantes-se-reinventam-vendendo-mascaras-marmitas-e-aulas-online-para-driblar-crise.shtml>. Acesso em: 01 de junho de 2020.

O primeiro destaque a ser dado em relação à postagem acima é o uso de pronomes relativos à primeira pessoa do plural. Dessa vez, no entanto, esse uso parece indicar, precisamente, um processo de união entre os refugiados e os organizadores do coletivo, conforme a primeira frase pode indicar: “nos adaptamos rapidamente unindo aqueles que já atuavam com moda/artesanato”. É possível observar que fronteiras passam a ser menos delimitadas. Os migrantes, apesar de aparecerem como “essa turma”, a qual necessita de ajuda para “gerar renda”, passam a atuar em conjunto com o coletivo. Na realidade, observa-se, novamente, a indicação de “duas pontas do processo” atuando.

Outro fator relevante, como já observado na análise das notícias, diz respeito ao agenciamento e protagonismo do coletivo, sugeridos pelas palavras “rapidamente” e “logo”. As ações desenvolvidas pelo coletivo, nesse sentido, foram rápidas, e destacar esse protagonismo parece ser o foco da postagem; não há, assim como no primeiro, solicitação de auxílio, e o único verbo no imperativo aparece no final: “aguardem”. Enquanto, no *post* anterior, solicitava-se mobilização ativa por parte dos internautas que entraram em contato com a postagem, nesse caso, o objetivo parece ser somente que eles testemunhem essas ações, e saibam que outras virão.

### 3.4.3. *Post 3 (abril/2020)*

A publicação abaixo reproduzida, postada mais de duas semanas após a publicação do *Post 2*, introduz a notícia do UNFPA, abordada na seção 3.2.<sup>29</sup>:

Estamos a todo vapor, gente, emoção por podermos contribuir de forma tão construtiva para tantos envolvidos e beneficiados.

Considerando que a notícia do UNFPA focalizava as ações de Hayam Kasim, participante do Deslocamento Criativo, com o *post* acima, o coletivo busca visibilizar, justamente, o agenciamento conjunto na produção das máscaras. Na utilização do verbo na primeira pessoa do plural – “estamos” e “podemos” – estão incluídos os refugiados, com os quais o coletivo atua colaborativamente, de modo diverso do que foi observado nos dois *posts* antecedentes.

Apesar de o *post* ser bastante curto, é possível afirmar que seu foco está em visibilizar a “contribuição”. Quer dizer, a contribuição gerada – expressa, também, no vocábulo “beneficiados” – recebe maior destaque, nesse caso, do que um apelo de ajuda. Mais uma vez,

---

<sup>29</sup> Incluo novamente, aqui, o link da notícia, somente para simplificar a busca: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/designer-e-estilista-refugiada-s%C3%ADria-produz-m%C3%A1scaras-para-distribuir%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-popula%C3%A7%C3%A3o-vulner%C3%A1vel>

o protagonismo na ação é evidenciado, sendo um dos possíveis objetivos da postagem compartilhar com os internautas os benefícios gerados com a produção. Com isso, reverbera-se a noção de solidariedade: o coletivo, trabalhando com os migrantes de modo colaborativo, promove ações solidárias direcionadas à cooperação, ao poder de ajudar – o que se alinha ao direito de pertencer, e, no limite, à possibilidade de uma reterritorialização mais significativa e efetiva.

#### **3.4.4. Post 4 (maio/2020)**

O último *post* selecionado para análise, publicado um pouco após os anteriores, não está vinculado a outras notícias, e é, entre os quatro, o de maior extensão:

Queridxs, sabem que estamos produzindo máscaras como meio de geração de renda e, assim, também contribuindo para minimizar a propagação do novo coronavírus, não é mesmo? Felizmente, tem sido um sucesso. Investimos nas estampas africanas por serem incríveis e assim difundirmos as expressões deste lindo continente, minimamente. Pois bem, para o dia das mães escolhemos essa estampa para homenagear todas as mães, observe seu significado: Esta é uma Ave pescadora africana que vive próximo a lagos e rios da África Subsaariana. Ela representa os países da Zâmbia e Zimbábue, se alimenta principalmente de peixe e por isso o estilo do voo... voando ao por do sol, simboliza uma esperança e fartura a ser proporcionada pela mãe natureza.  
FELIZ DIA DAS MÃES!

Na postagem, nota-se, desde o primeiro enunciado, o uso de um “nós” que, agora, parece não diferenciar coletivo e sujeitos migrantes. Na expressão “estamos produzindo”, o coletivo e os migrantes são referenciados de maneira conjunta. O mesmo ocorre no caso do verbo “investimos”. A meu ver, esses indícios sugerem significativa alteração no sistema de representação identitário desses migrantes: o coletivo passa de um meio por meio do qual os migrantes de crise podem obter renda, para ser meio no qual os migrantes se inserem, não apenas com o objetivo de “geração de renda”, mas também com a possibilidade de participação social, atuando para minimizar “a propagação do novo coronavírus”.

Ao contrário do que ocorre no primeiro *post*, os potenciais benefícios proporcionados pela fabricação de máscaras já estão situados na primeira frase, em “contribuindo para minimizar a propagação do novo coronavírus”. Aqui também os migrantes ocupam “as duas pontas do processo”, e suas ações de agenciamento, por uma causa solidária, aparecem em destaque.

No restante do texto do *post*, fica evidente o alto teor de empoderamento: a apresentação das máscaras, produzidas em “estampas africanas” e descritas em teor de valorização, como é possível inferir em “difundirmos as expressões deste lindo continente, minimamente”, propõe

um diálogo intercultural, de aproximação e marcação positiva daquilo que estaria no campo do “eles”, do *estrangeiro*. A meu ver, a produção dos migrantes, destacada na publicação, não apenas funciona como meio para obtenção de renda; ela é um instrumento simbólico de reterritorialização, de modo que esses grupos minoritarizados, ao se sentirem pertencentes, podem buscar meios de redefinir suas próprias identidades (CUCHE, 2002, p.190).

## **PALAVRAS (IN)CONCLUSIVAS**

Muito pouco se conclui, se é que é sequer adequando o uso da palavra, diante de tanto o que há para ser explorado, investigado, (re)definido. No entanto, a partir da análise das representações acerca de migrantes de crise nas quatro mídias digitais selecionadas, foi possível perceber, nos discursos veiculados, ecos de agenciamento e reterritorialização, além de noções de acolhimento que se articulam a perspectivas pos/decoloniais, segundo as quais o acolhimento deve ultrapassar o aspecto unilateral e contar com a colaboração ativa dos sujeitos migrantes. Assim, reforço que, uma vez que as relações de poder são instáveis e passíveis de alterações, de modo que podem modificar os sistemas de representação vigentes, os estudos sobre o tema devem ser constantes, e durar enquanto dure a sociedade em que nos inserimos.

A análise dos dados confirmou algumas hipóteses, no sentido de permitir vislumbrar discursos acerca de migrantes de crise com vestígios de agenciamento, pertencimento, protagonismo. No entanto, também reacendeu outras, menos felizes: o discurso hegemônico ainda predomina, vaza pelas brechas dos dizeres e se manifesta, mais às claras ou às sombras, a depender da ocasião.

Contrariando minhas expectativas, não encontrei, na matéria do Folha Dirigida, o estabelecimento de fronteiras fixas que isolassem os migrantes em relação à população brasileira e nem discursos que manifestassem fragilidade enquanto característica exclusiva dos refugiados – talvez esperasse por isso devido ao fato de ser este veículo o menos engajado com esses grupos minoritarizados<sup>30</sup>. No caso das notícias do ACNUR e do UNFPA, apesar do destaque concedido aos migrantes e o reconhecimento de protagonismo e agenciamento em suas ações, surgiram, ainda, ecos de eixos verticais que se sobrepõem, o que gerou, em alguns casos, invisibilidades.

O coletivo Deslocamento Criativo – reservei um parágrafo apenas a ele devido ao papel de relevância que ocupou nesta pesquisa, o qual enfatizo mais uma vez - por sua vez, pareceu atravessar uma espécie de processo conforme os dias em situação de pandemia passaram, e é esse meu grande interesse pela análise em termos de cronologia. Enquanto o primeiro *post* sugere um tom de pedido por auxílio e destaca a fragilidade dos migrantes, acima inclusive de suas possíveis contribuições, o último carrega um tom repleto de valorização e pertencimento, com os migrantes sendo referenciados como parte integrante do coletivo e como agentes relevantes, no sentido de beneficiarem a sociedade por meio de ações solidárias.

---

<sup>30</sup> Realizo essa afirmação por considerar que, em menor ou maior grau, os outros três veículos possuem como foco a questão da migração – ou outras questões ligadas à população, no caso do UNFPA. O Folha Dirigida, por sua vez, apresenta notícias relativas a temáticas variadas.

Outro ponto que merece destaque diz respeito às fontes utilizadas na pesquisa. É relevante enfatizar que as mídias informativas, no geral, não se limitam a uma suposta neutralidade: elas constroem um duplo movimento, uma vez que refletem representações vigentes na sociedade e, ao mesmo tempo, incitam essas representações, de modo a influenciar o comportamento de seus leitores. Assim, é interessante percebê-las enquanto local de disputa entre representações de agentividade e subalternização sobre migrantes de crise.

Por fim, talvez a reflexão final que mereça maior destaque seja a de que a luta por pertencimento, por (re)territorialização significativa, por desestabilização e criação de fissuras nas hierarquias de poder precisa ser constante, e, é possível, talvez não chegue ao fim. Ademais, não pode ser protagonizada apenas pelos que são diretamente afetados, mas precisa, necessariamente, atravessar os dois eixos, fortalecendo práticas solidárias capazes de tornar todos nelas inseridos.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Rosane. O Ensino de Português como Língua de Acolhimento para Refugiados. **Revista da Sociedade Internacional Português Língua Estrangeira (SIPLÉ)**. 7.ed., ano 4, n. 2, 2013.

ANUNCIACÃO, R. **Somos mais que isso: Práticas de (Re)existência de Migrantes e Refugiados Frente à Desposseção e ao Não Reconhecimento**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

ANUNCIACÃO, R. Língua que Acolhe pode silenciar? Reflexões sobre o Conceito Português como Língua de Acolhimento. **Revista X**, Curitiba, v. 13, n.1, p. 35-56, 2018.

BAENINGER, R.; PERES, R. Migração de Crise: SOS Português: Imigração Haitiana em São Paulo. **39º Encontro Anual da ANPOCS Caxambu**, 2015.

\_\_\_\_\_. Migração de Crise: a Migração Haitiana para o Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Belo Horizonte, v. 34 n. 1, 2017.

BARBOSA, L. M. A.; SÃO BERNARDO, M. A. Português para Refugiados: Especificidades para Acolhimento e Inserção. In: SIMÕES, D. M. P.; FIGUEIREDO, F. J. Q. (Org.). **Metodologias em/de Linguística Aplicada para Ensino e Aprendizagem de Línguas**. Campinas, SP: Pontes, 2014.

BIZON, A. C. C. **Narrando o Exame Celpe-Bras e o Convênio PEC-G: a Construção de Territorialidades em Tempos de Internacionalização**. Tese. Doutorado em Linguística Aplicada. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269528>>. Acesso em: 20 de setembro de 2020.

\_\_\_\_\_. Acolhimento e Solidariedade em Contexto de Pandemia: A Experiência do Banco de Tradutores e Intérpretes da Unicamp. In: BAENINGER, R. et al (Coords.); MAGALHÃES, L.F. et al (Orgs.). **Migrações Internacionais e a Pandemia de Covid-19**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2020, p 584-608.

BIZON, A. C. C.; CAMARGO, H. R. E. Acolhimento e Ensino da Língua Portuguesa à População Oriunda de Migração de Crise no Município de São Paulo: Por uma Política do

Atravessamento entre Verticalidades e Horizontalidades. In: BAENINGER R. et al (Orgs.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018. p. 712-726.

BIZON, A. C. C.; CAVALCANTI, M. C. Globalização e internacionalização: democracia vertical de um convênio estudantil brasileiro? In: SANTOS, B. S.; CUNHA, T. (orgs.) **Actas Colóquio Internacional Epistemologias do Sul: aprendizagens globais Sul-Sul, Sul-Norte e Norte-Sul**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, 2015.

\_\_\_\_\_. **Construções de Narrativas sobre Migrantes Haitianos em Espaços Eletrônicos de Comunicação: Reações e Resistência**, 2020. No prelo.

BIZON, A. C. ; DINIZ, L. Uma Proposta Poscolonial para a Produção de Materiais Didáticos de Português como Língua Adicional. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n. 43, p. 155-191, 30 jun. 2019.

CABETE, M. A. **O processo de ensino-aprendizagem do português enquanto língua de acolhimento**. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

CAMARGO, H. Portas Entreabertas do Brasil: Narrativas de Migrantes de Crise sobre Políticas Públicas de Acolhimento. **Revista X**, v. 13, p. 57, 2018.

CUCHE, D. **Cultura e Identidade**. In: O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

FLICK, U. Pesquisa Qualitativa: Por que e como fazê-la. In: **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa, 3ª ed. Porto Alegre: Artmed., 2009.

GROSSO, M. J. Língua de Acolhimento, Língua de Integração. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 9, n. 2, p. 61-77, 2010.

HAESBAERT, R. Território e Multiterritorialidade: um Debate. **GEOgraphia**. v. 9. n. 17, p. 19-45, 2007.

HAESBAERT, R.; LIMONAD, E. O Território em Tempos de Globalização. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas**, v. 1, n. 2, p. 7-20, ago, 2007.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LOPEZ, A. P.; DINIZ, L. Iniciativas Jurídicas e Acadêmicas para o Acolhimento no Brasil de Deslocados Forçados. **Revista da Sociedade Internacional Português Língua Estrangeira – Siple**, v. 9, [s.p.], 2019.

MARTINS, C. E. O Brasil na Geopolítica Mundial da Covid-19 e do Caos Sistêmico. **Blog da Boitempo**, São Paulo, 9 mar. 2020. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/04/09/o-brasil-na-geopolitica-mundial-da-covid-19-e-do-caos-sistemico/>>. Acesso em: 24 out. 2020.

MASON, J. **Qualitative Researching**. 2nd Edition, Sage Publications, London, 2002.

MENEZES, L. M. de. A Volta de um Rio que faz sonhar. **Rio Pesquisa**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 48-50, set, 2012.

ORLANDI, E. **Análise do Discurso - Princípios & Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, [1999], 2005a.

SANTOS, B. S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2020

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro, RJ/São Paulo, SP: Editora Record, 2001.

SILVA, T. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, T. (Org); HALL, S. & WOODWARD, K. **Identidade e Diferença. A Perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

## ANEXO 1 - Notícia publicada no portal do ACNUR (abril/2020)

### COVID-19: máscaras produzidas por refugiados e migrantes beneficiam abrigos públicos em São Paulo

*Cerca de mil unidades do equipamento de proteção estão sendo entregues a moradores e profissionais que atuam nestes locais*

Por: Miguel Pachioni, de São Paulo | 21 Apr 2020



Funcionária do ACNUR entrega máscaras de tecido para refugiada venezuelana abrigada pela Missão Paz, em São Paulo ©ACNUR/Miguel Pachioni

Durante a pandemia do novo coronavírus, ações voltadas para a saúde de pessoas que estão em situação de vulnerabilidade têm sido implementadas na cidade de São Paulo, cidade que concentra o maior número de casos confirmados no Brasil. Entre elas, uma atividade tem integrado pessoas refugiadas e migrantes nas duas pontas do processo: a produção, distribuição e uso de máscaras de proteção para mitigar os efeitos da transmissão do vírus.

Sob a coordenação do Ministério Público do Trabalho (MPT) e da Universidade de Campinas (Unicamp), o coletivo Deslocamento Criativo está produzindo máscaras de tecido para serem distribuídas gratuitamente em abrigos de São Paulo que acolhem pessoas refugiadas e migrantes, que estão quarentena por causa da pandemia.

Cerca de mil máscaras foram produzidas e no último fim de semana um lote delas foi distribuído aos moradores e funcionários da Casa do Migrante, abrigo mantido pela Missão Paz – entidade parceira do ACNUR (Agência da ONU para Refugiados) no acolhimento de refugiados e migrantes. Atualmente, 66 pessoas refugiadas e migrantes, de 16 nacionalidades, vivem no local.

Na linha de frente da produção das máscaras está a síria Hayam Kasem, de 29 anos. Ela é designer de moda e chegou ao Brasil há sete anos como refugiada, sendo que há duas semanas aplica seu conhecimento e talento na produção das máscaras.

“A situação atual requer que todos trabalhem juntos para ajudar nossos vizinhos e a cidade onde moramos. Consegui trazer a máquina de costura do estúdio onde trabalhava para minha casa, e aqui a produção não pode parar”, diz a designer que, após a pandemia, sonha em realizar um desfile de moda no Brasil.

A compra dos tecidos, a produção e a distribuição das máscaras estão sob a responsabilidade do coletivo Deslocamento Criativo, que conta com a participação direta de pessoas refugiadas neste processo. Além da designer Hayam, o sírio Anas Obeid, formado em jornalismo também está envolvido na iniciativa, atuando logística de entrega deste fundamental equipamento de proteção individual.

Anas produzia e vendia perfumes árabes sob encomenda e trabalhava em uma produtora de vídeo em São Paulo. Com a chegada da pandemia, está se adaptando à realidade e segue disposto a ajudar. Além de entregar as máscaras nos abrigos, ele explica aos refugiados e migrantes como manusear adequadamente o equipamento para garantir a higiene pessoal dos usuários e mitigar os riscos de contaminação.

“Dentre os tantos trabalhos que realizo, acho importante contribuir neste momento para assegurar o bem-estar de refugiados e migrantes quem vivem nos abrigos públicos, sem ter a possibilidade, no atual momento, de conseguir um trabalho. Mas logo sairemos dessa, fortalecidos”, afirma Anas.

O coletivo Deslocamento Criativo é um projeto de impacto social que mapeia e dá visibilidade à produção de refugiados que vivem em São Paulo e atuam na área da economia criativa, um setor dinâmico de negócios baseados no capital intelectual, cultural e na criatividade para gerar valor econômico. A plataforma serve como ponto de encontro para quem deseja conhecer e contratar trabalhos deste segmento, mesmo durante o contexto atual de pandemia.

Entre os participantes do coletivo estão pessoas refugiadas e migrantes que tiveram seus negócios habituais afetados pela pandemia e decidiram aderir a esta ação social apoiada pelo ACNUR e pelo UNFPA (Fundo de População das Nações Unidas).

Os moradores do abrigo ficaram agradecidos com a ação do último fim de semana. A refugiada venezuelana Ásia Carreño, de 58 anos, chegou na Missão Paz por meio do programa de interiorização do governo federal e ressaltou a importância do uso das máscaras. “Não temos saído à rua para evitar a contaminação, mas mesmo aqui dentro, por convivermos próximos uns dos outros, as máscaras serão importantes para manter a nossa saúde”, disse. “E todos nós, idosos, crianças e adultos, vamos superar essa crise”, completou a moradora.



O refugiado sírio Anas, à esquerda, explica para as pessoas abrigadas na Missão Paz como utilizar e manusear as máscaras. Ele integra a equipe do coletivo Deslocamento Criativo ©ACNUR/Miguel Pachioni

Para o coordenador da Missão Paz, o padre Paolo Parise, as máscaras ajudarão na prevenção da COVID-19 junto aos moradores e funcionários da Casa do Migrante.

“Estamos revendo nossas atividades para reduzirmos ao máximo a exposição das pessoas que vivem aqui ao ambiente externo e evitar a propagação do vírus. A entrega das máscaras fará com que as pessoas residentes e a equipe de trabalho possam se prevenir, inclusive durante a distribuição de cestas básicas que já realizamos no abrigo”, afirma Parise.



As mil máscaras produzidas pelo Deslocamento Criativo foram higienizadas e embaladas para distribuição aos moradores de abrigos públicos de São Paulo ©ACNUR/Miguel Pachioni

A chefe do escritório do ACNUR de São Paulo, Maria Beatriz Nogueira, foi à Casa do Migrante no último sábado para distribuir as máscaras feitas pelos refugiados e migrantes que integram o Deslocamento Criativo.

“A pandemia do novo coronavírus é um desafio global que deve ser enfrentado por meio da solidariedade e cooperação de todos os setores e esta ação reforça o quanto as pessoas refugiadas estão contribuindo para propor soluções. É essencial assegurarmos que qualquer pessoa, independentemente de sua nacionalidade, possa ter acesso aos auxílios financeiros e aos serviços de saúde de forma plena, sem discriminação”, disse Nogueira.

Nos próximos dias, o ACNUR dará continuidade ao repasse de outras máscaras aos abrigos públicos que atendem pessoas refugiadas e migrantes na capital paulista. Estes abrigos tiveram que readaptar à forma com a qual gerem seus serviços, passando a produzir mais refeições pela limitação dos movimentos externos de seus moradores. Com isso, gastos adicionais requerem doações de cestas básicas e itens de higiene para suprir a demanda existente.

O ACNUR está arrecadando [doações financeiras](#) para adquirir remédios, água potável, artigos de higiene e kits de proteção pessoal para famílias e, principalmente, idosos e crianças refugiadas em situação de vulnerabilidade. A Agência da ONU para Refugiados tem atuado no fortalecimento da comunicação com refugiados por meio da [Plataforma Help](#) e segue trabalhando de forma coordenada com os governos para garantir que as pessoas refugiadas sejam incluídas na resposta à COVID-19.

Disponível em:

<https://www.acnur.org/portugues/2020/04/21/covid-19-mascaras-produzidas-por-refugiados-e-migrantes-beneficiam-abrigos-publicos-em-sao-paulo/>. Acesso em: 18 nov. 2020.

## ANEXO 2 - Notícia Publicada no Portal do UNFPA (abril/2020)

### Designer e estilista, refugiada síria produz máscaras para distribuição à população vulnerável de SP. Ação é apoiada pelo UNFPA

27 Abril 2020



Hayam leva cinco minutos para confeccionar uma máscara (Foto: Arquivo pessoal)

Hayam Kasim estudava moda e francês em Damasco, na Síria, e estava a caminho de se tornar estilista profissional quando a guerra fez com que ela e sua família precisasse deixar o país. Há sete anos em São Paulo, sem falar português fluentemente e sem oportunidades de trabalho, ela e seus três irmãos foram surpreendidos com a pandemia da COVID-19.

De uma forma que ela não imaginava, seus talentos agora estão sendo aproveitados para confeccionar máscaras de pano, que estão sendo distribuídas à população vulnerável de São Paulo por meio de um projeto encabeçado pelo Ministério Público do Trabalho (MPT) e o Núcleo de Estudos Populacionais Elza Berquó (Nepo), da Unicamp, e apoiado pelo Fundo de População da ONU (UNFPA) e a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR).

Hayam já fazia parte do coletivo Deslocamento Criativo, apoiado pelo Observatório das Migrações em São Paulo, quando foi convidada a confeccionar as máscaras de forma remunerada, junto a outras pessoas com habilidade de costura que fazem parte do grupo. A ideia do Ministério Público do Trabalho (MPT) e da Universidade de Campinas (Unicamp) é estimular a atividade profissional das pessoas migrantes e refugiadas ao mesmo tempo em que

garante a proteção de outras pessoas em situação de vulnerabilidade. Já foram produzidas 2 mil máscaras, sendo distribuídas em abrigos para idosos, pessoas transexuais e para pessoas em situação de rua, entre outras.

“Com a pandemia, esse grupo que sempre fazia feirinhas para vender produtos por meio do projeto Deslocamento Criativo ficou sem trabalho. Esse projeto auxilia essas pessoas em um momento em que migrantes e refugiados estão em uma condição laboral crítica, ao mesmo tempo em que eleva o conhecimento de saúde pública. É uma medida de mão dupla, promove saúde e conscientização”, define a professora coordenadora do Observatório das Migrações em SP, do NEPO, Rosana Baeninger.

Sentada à máquina de costura, Hayam leva cinco minutos para confeccionar uma máscara, que é produzida em tecido do continente africano. Sozinha, produziu 450 no último mês. “Eu posso fazer qualquer coisa. Esse é meu ramo”, orgulha-se. Com a pandemia, seu irmão perdeu o trabalho e o dinheiro levantado com o projeto é o que tem sustentado a casa. “O Brasil é meu segundo país e eu peço ajuda para voar de novo. Meu sonho é ser estilista e fazer moda”, afirma.

### **Iniciativa valiosa**

O Fundo de População da ONU vai custear mais uma leva de produção de mil máscaras junto ao projeto da Unicamp e do MPT. “Nós temos uma parceria de longa data com o NEPO e essa iniciativa vai ao encontro ao trabalho que já estamos fazendo para diminuir o impacto da pandemia entre as pessoas que são mais vulneráveis. Ela garante renda para esses artesãos e artesãs ao mesmo tempo em que proporciona o acesso à máscara e à prevenção a um maior número de outras pessoas”, observa a representante do UNFPA, Astrid Bant.

Uma campanha de doação também está em curso pela internet, com a hashtag #euabracoestacausa, para quem deseja contribuir com a ação e adquirir máscaras produzidas por pessoas como Hayam. Basta acessar o site da campanha aqui ou entrar em contato pelo WhatsApp: (11) 95777-8549.

Disponível em:

<https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/designer-e-estilista-refugiada-s%C3%ADria-produz-m%C3%A1scaras-para-distribuir-%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-popula%C3%A7%C3%A3o-vulner%C3%A1vel>. Acesso em: 23 de maio de 2020

### ANEXO 3 - Notícia publicada no portal do Folha Dirigida (maio/2020)

#### Máscaras caseiras salvam vidas, mas também a renda na quarentena

*Produção de máscaras de tecido vira fonte de renda durante o isolamento social*

05/05/2020 16:00 | Atualizado: 06/05/2020 10:39

Para diminuir a disseminação do novo Coronavírus (Covid-19), o Ministério da Saúde recomenda a **utilização de máscaras**. Em algumas cidades, o uso é obrigatório. Para driblar a crise econômica desencadeada pelo isolamento social, artesãos e costureiros apostam na produção de máscaras de tecido como **fonte de renda**.

É o caso de integrantes do projeto **Deslocamento Criativo**, em São Paulo, que reúne refugiados e imigrantes contemporâneos que atuam nas áreas de Economia Criativa e moda. Diante da quarentena, muitos perderam sua **renda e trabalho**.

As máscaras de tecido se tornaram alternativas viáveis para enfrentar a crise. Em entrevista à FOLHA DIRIGIDA, a idealizadora e diretora do projeto, Maria Nilda Santos, contou que as primeiras unidades foram feitas antes mesmo da orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde.

Ela definiu a confecção dos acessórios de proteção como um “meio importante de **sobrevivência**” para os profissionais.



Renée Ross-Londja integra projeto para confecção de máscaras (Foto: Arquivo)

“Para esta ação da produção de máscaras, reunimos cinco (refugiados) que já possuíam máquina de costura em casa. Quando a demanda cresce, tentamos arranjar local onde possam costurar e/ou emprestar máquinas”, explicou.

As máscaras do projeto Deslocamento Criativo apresentam um diferencial: são feitas com estampas africanas. O que também revela a **interculturalidade** aplicada na produção.

Todas as unidades são vendidas [pela internet](#), porque a ideia é gerar renda para os profissionais.

“Mas, há quem compre em quantidade para doar e assim ajudar mais de um grupo ao mesmo tempo”, revelou a diretora do projeto.

Maria Nilda ainda caracterizou a ação como emergencial para enfrentar a [recessão econômica](#) ocasionada pela Covid-19.

“Considerando isso, estamos contentes em poder contribuir para gerar renda e, ao mesmo tempo, minimizar a propagação do vírus. Foi surpreendente, mais trabalho do que imaginávamos, felizmente”, concluiu.

### **O que antes era um hobby, agora se torna profissão**

A crise do Coronavírus também transformou antigos *hobbies* em profissão. Em Araguari, município de Minas Gerais, Lorena Nogueira dos Santos sempre teve afinidade com artesanato e costura. Mas, suas produções eram destinadas apenas para renda extra.

Em conversa com FOLHA DIRIGIDA, ela contou que, em 2013, passou por uma crise financeira em função da perda de um emprego. Nessa época, Lorena ganhou uma máquina de costura de um amigo. Como não sabia manusear, procurou um curso de corte e costura industrial para se profissionalizar.

“Desde então tudo fluiu. Pude expor meu talento e aprender a cada dia. Eu tenho muito afeto pela costura. Faço consertos em geral e peças como almofadas, necessaires, bolsas. E ganho um extra”, relatou.

Mesmo assim, a costura não se tornou sua principal fonte de renda. Lorena conseguiu um emprego na cantina de uma escola e passou a concilia-lo com os trabalhos manuais. Porém, com o avanço da Covid-19 no país, tudo mudou.



Lorena produz as máscaras em sua própria casa e vende os modelos por R\$5 (Foto: Arquivo Pessoal)

"Quando fomos assolados pela pandemia, eu fui afastada do meu trabalho na escola sem previsão de volta. Me vi mais uma vez frente a frente com a costura. Eu tinha algum tecido em casa e elásticos, comprei mais alguns e comecei a confeccionar as máscaras", contou Lorena. Os modelos de tecido descartáveis foram destinados à doação e as reutilizáveis à venda por um valor de R\$5. "Isto tem me ajudado a obter renda e passar por este momento. Ajudando ao próximo e a mim mesma", definiu.

### **E-book do Sebrae RJ ensina como fazer máscaras de tecido**

Quem quer começar a produzir máscaras caseiras pode ler o e-book "**Passo a passo para fazer sua máscara de tecido**", lançado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do Rio de Janeiro (Sebrae RJ), em abril.

O material é gratuito e oferece dois tutoriais. Um mais simples, para confecção caseira, e outro técnico, com uso de máquina de costura. O e-book orienta ainda sobre a utilização e higienização corretas das máscaras.

De forma a garantir a eficiência como barreira de proteção difundida pelas autoridades sanitárias. O Sebrae também disponibiliza moldes em três tamanhos: adulto, infantil e para bebês. Todo o conteúdo pode ser acessado pelo [link](#) .

"A área de Moda da instituição desenvolveu, com o auxílio técnico da área de Saúde, o e-book com o passo a passo da produção de máscaras em tecido como forma de auxiliar a população na contenção da pandemia. O incentivo à produção desta peça, agora de uso obrigatório, é uma ação importante também para estimular a geração de renda para muitos que tiveram suas atividades pausadas em função do confinamento" explicou Leana Braga, gerente de Moda do Senac RJ, ao jornal Extra.

*Por Bruna Somma – bruna.somma@folhadirigida.com.br*

Disponível em:

<https://folhadirigida.com.br/mais/noticias/especiais/mascaras-caseiras-salvam-vidas-mas-tambem-a-renda-na-quarentena>. Acesso em: 23 de maio de 2020.